



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

ROMILTO DE LOURENZI LOPES

CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA NA CULTURA

CONTEMPORÂNEA

ESPETÁCULO, NARCISISMO E CONSUMO

ARIQUEMES – RO

2016

Romildo de Lourenzi Lopes

**CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA NA CULTURA
CONTEMPORÂNEA
ESPETÁCULO, NARCISISMO E CONSUMO**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Prof^a Orientadora: Me. Ana Claudia Yamashiro Arantes

Ariquemes – RO

2016

Romilto de Lourenzi Lopes

CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA NA CULTURA

CONTEMPORÂNEA

ESPETÁCULO, NARCISISMO E CONSUMO

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA

Me. Ana Claudia Yamashiro Arantes
FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Me. Eliane Alves Almeida Azevedo
FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Oliveira Lima de Melo
FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Ariquemes, 22 de novembro de 2016.

Às pessoas que buscam se encontrar enquanto se constroem, superando seus medos, para acolher as possibilidades que os vínculos proporcionam.

AGRADECIMENTOS

À minha família, base de tudo – incluindo das minhas melhores neuroses.

Em especial à minha mãe, a melhor Jocastra para que este Édipo pudesse viver seus mais variados complexos.

Aos meus amigos, de todos os tempos.

Aos professores de minha vida, de modo particular aos que me despertaram o prazer de aprender a aprender.

A minha *Coach* Alexandra Pedersen Wenczenovicz, cuja parceria foi importantíssima nesse processo.

À minha orientadora, Ana Claudia Yamashiro Arantes, pelo apoio e acompanhamento, orientação e compartilhamento de saber.

A todos, obrigado!

É impossível separar o indivíduo dos avanços tecnológicos, dos grupos e da sociedade nos quais ele estiver inserido.

David E. Zimmerman

RESUMO

A evolução propiciada pela Revolução Industrial, o avanço da globalização e o crescimento do capitalismo modificou os padrões de configuração social bem como os limites morais, flexibilizando e facilitando ao homem contemporâneo o acesso aos objetos de seus desejos. Contudo, essa facilidade permite o crescimento da cultura narcisista centrada na autopromoção midiática, em um aparente espetáculo de si. Tais mudanças ocorreram dentro de uma nova configuração de valores e configurações sociais instituídas, realizando significativas alterações nos elementos constitutivos da personalidade. Frente a todas essas oscilações e manifestações sociais, questiona-se qual a atuação profissional possível dos psicólogos diante das angústias, sofrimentos e novas formas de ser e estar dentro dessa cultura em transformação.

Palavras-chaves: cultura do espetáculo; consumo; narcisismo; constituição subjetiva.

ABSTRACT

The evolution provided by the Industrial Revolution, the advance of globalization and the growth of capitalism changed the standards social setting as well as the morals compass, loosening and facilitating the contemporary men the access to the objects of his desire. Nevertheless, this facility allows the rise of narcissist culture focused on media self promotion, in a apparent show of yourself. Such changes occur within a new setting of values and social settings imposed, performing substantial changes in the elements constituting of personality. Front of all fluctuations and social expressions, wonders which the performance possible of psychologists in front of the anguish, sorrows and new ways of being and be within this culture in transformation.

Keys-word: culture of spectacle, consumption, narcissist, subjective constitution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
2 OBJETIVOS	12
2.1 Objetivo geral	12
2.2 Objetivos específicos	12
3 METODOLOGIA	13
4 REVISÃO DE LITERATURA	14
4.1 CAPÍTULO 1: CARACTERÍSTICAS DA CONTEMPORANEIDADE	14
4.1.1 O conceito de cultura	14
4.1.2 A relação com o tempo e com o trabalho	17
4.1.3 O consumo	20
4.1.4 Narcisismo	23
4.1.5 A difusão de imagens	27
4.1.6 Comunicação em massa: publicidade e jornalismo	29
4.1.7 Reciclagem	32
4.2 CAPÍTULO 2: AS TRANSFORMAÇÕES NO SUJEITO	34
4.2.1 O desejo	34
4.2.2 A família	35
4.2.3 Religião e ética	38
4.2.4 Memória, identidade e identificação	39
4.2.5 A sexualidade	40
4.2.6 Envelhecimento	42
4.3 CAPÍTULO 3: O PAPEL DAS CIÊNCIAS DO PSIQUISMO	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	57

INTRODUÇÃO

A globalização e o avanço tecnológico têm proporcionado significativas mudanças nas relações humanas. Percebe-se uma diminuição das fronteiras que nos separam, criando uma sensação de aldeia global, uma comunidade única, compartilhando informações cotidianamente e em tempo real. Tal possibilidade tem sido cada vez mais ampliada pelas tecnologias da comunicação que crescem vertiginosamente. Dentro dessa perspectiva, atua o modelo econômico hegemonicamente difundido promovendo uma cultura de consumo que tem modelado as formas de estar e ser na contemporaneidade: o capitalismo. Longe de tratar de empenhar aqui uma batalha ideológica de melhores modelos econômicos, iremos abordar a constituição psíquica dentro dessa cultura instalada – e em constante mutação – e suas principais formas de adoecimento.

As transformações ocorrem de forma acelerada e profunda nas diversas áreas: social, econômica, cultural, ética, espiritual, psicológica, científica (ZIMERMAN, 2004). Compreender que as mudanças são algo próprio da condição da humanidade é importante para compreender como o indivíduo está inserido nesse processo mutacional e as adaptações às quais ele se submete.

É essencial compreendermos que tais mudanças só foram possíveis a partir do processo de industrialização que desencadeou todo o processo de globalização e avanço tecnológico. Contudo, essa revolução industrial se adaptou aos tempos e modelo econômico, passando a ditar as regras de consumo. Para isso, instalou-se o discurso das diversas necessidades humanas a serem satisfeitas. E para cada necessidade, um produto, é claro, é oferecido.

De acordo com Baudrillard (2014), “todo o discurso sobre as necessidades assenta numa antropologia ingênua: a da propensão natural para a felicidade” (2014, p. 49). Segundo o autor, tal felicidade é referência da sociedade do consumo, caracterizada como uma forma de salvação individual. Tal ideia é corroborada por Neves, Gomes e Vidal (2014) quando afirmam que o homem atual está exposto “ao absurdo de sua constituição. Em sua busca incessante pela felicidade, o homem vê-se impossibilitado de ter assegurada a satisfação plena de todos seus desejos” (2014,

p. 34). Entre os muitos motivos para não conseguir realizar seus desejos estão as necessidades de se adaptar de alguma forma às exigências sociais. Para atingir esse objetivo, o sujeito se submete ao poder de alguma categoria para ser reconhecido, como por exemplo, submeter-se aos desígnios e determinações de um grupo religioso para validar seu sentimento de pertença, e por conseguinte sua identidade nele e com ele.

Outra característica levantada da atual sociedade é o narcisismo como fundante e mantenedor das relações sociais. Há a predominância de uma “lógica narcísica que escamoteia o outro para a posição de objeto de realização de desejo e satisfação individual” (NEVES, GOMES, VIDAL, 2014, p. 36). Isso se constitui um paradoxo, haja vista que o sujeito contemporâneo está num constante estado de desamparo. As instituições como a religião, política, educação, família, dentre outras, passam por mudanças interiores causando muitas vezes perda de credibilidade. Em quem confiar se nossas utopias já não respondem mais? Crescem a ansiedade e o desejo de segurança. Tais desejos se tornam mercado aberto para os diversos produtos socialmente incentivados. O narcisismo que, dentro desse paradoxo de relações, impele às relações nas quais o outro se torna objeto de realização de desejos, também é o impulsor da violência cotidiana contra o outro, tendo em vista que o outro se torna um espelho ou projeção das dificuldades ou dos excessos que o sujeito não consegue elaborar.

Considerando que o desejo, a pulsão atuante no aparelho psíquico, não cessa e é constante; considerando que a indústria e o mercado têm descoberto formas de tornar esse funcionamento comercialmente operante, como atuar junto ao indivíduo de modo que ele não se torne apenas uma marionete nessa sociedade que privilegia o espetáculo pelo consumo? Por isso, é importante analisar os elementos que compõem os mecanismos de constituição subjetiva para fomentar transformações na prática das ciências psicológicas, possibilitando ao profissional ferramentas de compreensão e análise bem como de intervenção crítica com os sujeitos.

Para discutir tais assuntos, estruturamos o texto em três capítulos, subdivididos em sessões. No primeiro capítulo, abordamos as transformações na contemporaneidade e a compreensão que se tem dos conceitos de cultura, espetáculo, consumo e narcisismo, bem como a difusão constante de imagens, o papel dos meios de comunicação e as mudanças nos parâmetros gerais de relações sociais. No segundo capítulo, apresentamos as mudanças ocorridas mais próximas

ao sujeito como seu desejo, família, religião, sexualidade, modos de identificação etc., compreendendo que tais alterações são alimentadas pelos processos gerais descritos no primeiro capítulo. No terceiro capítulo, analisamos e discutimos possibilidades para as ciências do psiquismo intervirem junto aos sujeitos, buscando agir de modo crítico sobre as formas alienantes dos indivíduos, a fim de torná-los agentes de sua história, enaltecendo as relações a partir dos vínculos possíveis nessa era de constantes mutações.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a constituição subjetiva na cultura contemporânea.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Delinear as características da cultura do narcisismo, do espetáculo e do consumo, bem como sua relevância no discurso contemporâneo da fabricação do humano;
- b) Analisar a conjuntura da atualidade e sua influência na constituição subjetiva;
- c) Destacar possibilidades da atuação do profissional de psicologia frente à sociedade contemporânea.

3 METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão bibliográfica em livros e revistas científicas impressos e digitais. Os artigos científicos utilizados foram obtidos através de comunicação interpessoal com a orientadora do trabalho, sendo critério de escolha aqueles que têm relevância para o tema abordado e excluídos aqueles que não corroboram com a temática discutida.

O trabalho foi redigido tomando como base três conceitos básicos a saber, sociedade do espetáculo, cultura do narcisismo e sociedade do consumo, ambos desenvolvidos respectivamente por Guy Debord, Christopher Lasch e Jean Baudrillard. Os demais autores citados foram usados para corroborar bem como confrontar as ideias expostas. Os *e-books* utilizados do e-reader Kindle, da Amazon Inc., não permitem indicação numérica de páginas, e por isso as citações diretas encontradas ao longo do texto possuem apenas o sobrenome e ano de publicação, sendo a saber os seguintes autores: Luc Ferry, Eric McLuhan, Neil Postman e Nina Saroldi. Os *e-books* utilizados do sistema de biblioteca virtual, disponibilizado pela instituição de ensino, seguem a paginação numérica interna bem como o *link* de acesso.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 CAPÍTULO 1: CARACTERÍSTICAS DA CONTEMPORANEIDADE

4.1.1 O conceito de cultura do espetáculo

A palavra cultura possui uma multiplicidade de conceitos e interpretações, podendo ser compreendida como um repositório de conhecimentos e convicções que dão substância e condicionamento aos comportamentos de uma pessoa, modelando seu modo de estar no mundo e nas relações (REALE, 2005). Tal compreensão não pode ser reduzida a mero acúmulo de conhecimentos, mas toda aquela compilação de ideias e símbolos que faz parte de nossa personalidade. Outra concepção para Reale (2005) é a cultura como o conjunto de bens acumulados pela humanidade ao longo da história e transmitidos de geração em geração.

A família tem papel central na transmissão da cultura. Embora outras instituições contribuam para a transmissão e manutenção dos ritos, costumes, tradições, técnicas e demais características da socialização humana, é a família quem prevalece como principal ordenadora do modo de o novo sujeito ser inserido na comunidade humana (COSTA, 2015a). A aquisição da linguagem¹, o aprendizado da organização das emoções, o desenvolvimento dos processos psíquicos, a transmissão das estruturas de conduta bem como da representação da realidade são regidos pela família de acordo com os contextos nos quais está inserida. Lasch (1983) afirma que a disciplina na transmissão é o mantenedor da cultura a ser repassada entre as gerações. Para Vargas Llosa (2013), se essa instituição não for adequadamente operante, ocorre uma deterioração da cultura. Contudo, uma transformação tem ocorrido na transmissão cultural: a família vem perdendo espaço para a indústria da publicidade e demais meios de comunicação de massa (LASCH,

¹ “No conjunto das relações sociais, mediadas pela linguagem, o indivíduo vai desenvolvendo sua consciência. Com o desenvolvimento da consciência, o homem sabe seu mundo, sabe-se no mundo, antecede as coisas do seu mundo, partilha-as com os outros, troca, constrói e reproduz significados. Quando atua sobre o mundo, relacionando-se, apropria-se da cultura e adquire linguagem; apropria-se dos significados e constrói um sentido pessoal para suas vivências” (BOCK, 1997, p. 38)

1983), instituindo novos padrões e modelos, muitas vezes divergentes aos requeridos pela família do indivíduo.

E na família, podemos perceber como a globalização, o avanço das tecnologias e o progresso científico contribuíram para mudanças radicais na forma de os indivíduos se relacionarem. Segundo Dolto (2007), o cinema, o rádio e a televisão colocaram artistas e pessoas falando e transmitindo ideias, modos de viver diferentes daqueles que outrora eram transmitidos pela conversa em família, promovendo um alheamento, um ajustamento a um novo padrão, superficial, instalando uma solidão entre os muitos sozinhos que buscam a audiência de si. Assim, um novo meio de transmissão é instituído: a imagem. De acordo com Debord (1997), a característica essencial de nossa cultura é a relação interpessoal mediada pela imagem. Com isso, uma nova visão de mundo, uma nova cultura se objetivou. O conceito de cultura apresentado por Abbagnano (2007) – como processo específico de formação do humano e também como resultado da formação humana, cujo fim era uma espécie de melhoramento – nos permite compreender as transformações que culminaram no mundo contemporâneo. Toda sociedade possui seu conjunto de aparatos culturais e, através deles, sujeitos são constituídos e imbuídos do espírito de sua época. Por isso, denominamos cultura do espetáculo como modelo dominante da vida em sociedade (LASCH, 1983), diferenciando do conceito de sociedade, compreendido como montante de indivíduos em relações intersubjetivas (ABBAGNO, 2007).

São nestas relações que a mudança cultural ocorreu e Debord fez sua análise sobre o espetáculo. Segundo o autor, a espetacularização consiste na representação de tudo que é vivido: a experiência das relações agora é mediada por uma imagem que representa, mas não a coisa em si; é o movimento autônomo do não vivo (DEBORD, 1997). Há uma transformação de tudo aquilo que caracteriza o humano – autenticidade, espontaneidade, veracidade – em artificialidade e falsidade (VARGAS LLOSA, 2013). O espetáculo é o modelo de vida determinado já no modo de produção econômica², sendo o consumo uma consequência mantenedora desse modo de produção. Ele é a imagem da economia de mercado reinante e não almeja um fim, um objetivo, mas o seu desenvolvimento é um fim em si mesmo. É, ao mesmo tempo, a principal produção da sociedade contemporânea, marcada pela aparência, privilegiando a visão como o sentido do ser humano. Por centrar a experiência

² Para Debord (1997), o domínio do espetáculo sobre a sociedade só foi possível porque a economia já dominou as relações humanas.

representativa através da recepção passiva marcada pela visão, o espetáculo é contra o diálogo, cujo elemento principal está no uso da razão e no reconhecimento do outro em sua alteridade (DEBORD, 1997). Essa passividade se expressa na posição do indivíduo como espectador, recebendo o que os meios de comunicação – maior expressividade do espetáculo – transmitem. Para Vargas Llosa (2013), nessa vida representada, vivemos através de procuração, semelhante aos atores que encarnam papéis em determinados cenários. Aqui reside o núcleo da forma de alienação promovida pelo espetáculo:

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado [...] se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo (DEBORD, 1997, p.24).

O espetáculo é o responsável pela fabricação da alienação na sociedade cuja expansão industrial possibilitou o crescimento econômico. É também o capital transformado em imagem, desenvolvida quantitativamente, realizando a dominação pela total ocupação da vida social através da mercadoria. O indivíduo se torna um consumidor de ilusões, haja vista que todo esse processo é alienante. Os bens são apresentados como desejáveis e mesmo sociedades menos desenvolvidas economicamente estão imersas ou são continuamente atraídas pelo espetáculo. Para Debord (1997), é possível vender até modelos falsos de revolução aos revolucionários de nações subdesenvolvidas. Com isso, pode-se observar que a própria revolta torna-se uma mercadoria dentro dessa cultura espetacular.

Outra característica importante do espetáculo é a criação de pessoas admiráveis sobre as quais o sistema se personifica, sendo que elas não são representativas da vida individual mínima, mas porta-vozes do espetáculo, alimentando o fenômeno da celebridade. Esse contraditório entre *ser* e *parecer ser* é substituído pelo *parecer ter*, ampliando a possibilidade de mercado. É o mercado espetacular que consegue vender os contraditórios como desejáveis. Por isso, é fácil observar o renascimento de falsas oposições como regionalismos e racismos, quando na verdade se transformam em lugares hierarquizados de consumo dos produtos apresentados para cada padrão social ou grupal disponível. Debord (1997) é categórico ao afirmar que não é possível nenhuma escolha dentro desse modelo, pois o indivíduo faz uma escolha falsa baseada na exposição de contraditórios e

concorrentes. O autor classifica como ditadura da economia burocrática, que, para se manter, necessita ser acompanhada da imagem da violência³ permanente. O que se vê não é uma exaltação das humanidades, mas da mercadoria e das paixões que delas decorrem.

Com essa transformação do modo de subjetivar os indivíduos – a saber, o estabelecimento da cultura do espetáculo –, encontramos mudanças nos diversos contextos da vida humana: família, trabalho, educação, vida sexual, relações sociais, seus modos de produção e de consumo etc. Nisso constitui-se a originalidade do pensamento de Debord e sua aguçada análise social. De certo modo, percebemos como ele foi precursor da análise da sociedade como realidade midiática na qual vivemos imersos.

4.1.2 A relação com o tempo e com o trabalho

Tantas mudanças em andamento fizeram mudar nossa relação com o tempo e a história. Para Lasch (1983), perdemos rapidamente o senso de continuidade histórica, de fazermos parte de uma linha de sucessão de gerações oriundas do passado e destinadas a um futuro. O que predomina é a paixão de viver o momento. A consequência dessa atitude é a vivência em função de si, deixando de preparar ou viver pensando na próxima geração. Para o autor, estamos voltados para nós mesmos numa autoatenção transcendental, característica de um certo narcisismo de quem não consegue se identificar com o outro nem se perceber como parte do fluxo histórico de todos os homens. Na verdade, o autor afirma que o narcisismo é a forma típica de estruturar os indivíduos, nesta sociedade que se mostra desinteressada pelo futuro.

O narcisismo, a descontinuidade histórica⁴, a expansão da lógica do consumo e das comunicações de massa, enfraquecimento das instituições e das normas

³ Segundo Debord (1997), a imagem espetacular do bem é concentrada em uma só pessoa como garantia de coesão totalitária do sistema. Por isso, podemos perceber a necessidade de identificação dos sujeitos com as pessoas centrais tidas como modelos apresentadas no espetáculo, de forma especial pela mídia que possibilita maior difusão de padrões para serem copiados.

⁴ Somando o conceito de descontinuidade histórica, de Lasch, com a fluidez temporal apresentada por Lipovetsky (2004), podemos entender o movimento científico apresentado por Dupuy (2007), quando afirma que a dinâmica tecnológica somada à avidez do mercado colocam à disposição humana, através da nanotecnologia, a possibilidade de recriação do mundo. Para isso, não seriam necessários nem mesmo os materiais existentes, abrindo caminho para um novo mercado. O avanço tecnológico que

disciplinares, busca do prazer, psicologismos de autoajuda, perda de fé nas utopias revolucionárias e políticas: são marcas hodiernas difundidas e reproduzidas tanto no nível individual quanto social como naturais. E essa naturalização ocorre graças ao excesso de informação que produz uma sensação de fluidez, de rapidez, de falta de tempo (LIPOVETSKY, 2004). O tempo foi engolido pelo excesso de atividades imprimindo uma sensação de que tudo está muito rápido e mesmo assim menos tempo o indivíduo tem para realizá-las. Por isso, as palavras de ordem são flexibilidade, pontualidade, rentabilidade, urgência: para Lipovetsky (2004), isso caracteriza o que ele chama de modernização da temporalidade. Óbvio que tal aceleração e ordenamento da gestão do tempo insere os sujeitos em novos conflitos sociais: como integrar flexibilidade temporal, ócio (criativo), tempo de carreira, vida familiar e social, terceira e quarta idade? Administrar as temporalidades divergentes torna-se mais um dos desafios do sujeito contemporâneo. Embora a preocupação com o presente seja grande na cultura, ela não é única. Cresce a preocupação com algum sentido de continuidade histórica numa ética possível para o futuro. Para Lipovetsky (2004), há sim o desenvolvimento de uma cultura de prevenção para o futuro, contudo, prevalecem os interesses econômicos acima de qualquer atenção para com as novas gerações.

Algumas sensações resultantes dessa relação com o tempo podem ser destacadas como, por exemplo, a sensação de estar vivendo paralelo ou ao longe da verdadeira vida, a pressão constante pesando sobre as pessoas, a contínua competição, o sacrifício do importante pelo urgente, a ação imediata e sem reflexão: enfim, um reinado do urgente (LIPOVETSKY, 2004). Vivemos coisificados, objetos de mera especulação sob o governo de máquinas, imersos em diversas formas de automatismos, limitados pela inércia, ignorância, ingenuidade, repetição e sua toxicidade da mesmice (KEHL, 2009). O alcance dessa modernização da temporalidade se concretiza na relação dos indivíduos consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Segundo Lipovetsky (2004),

permita uma constante troca de informações traria conseqüências sociais extraordinárias, mas desenvolveriam problemas como a proteção das liberdades individuais e aos direitos fundamentais. Eis o homem sendo projetado no presente.

No universo da pressa, dizem, o vínculo humano é substituído pela rapidez; a qualidade de vida, pela eficiência; a fruição livre de normas e de cobranças, pelo frenesi. Foram-se a ociosidade, a contemplação, o relaxamento voluptuoso: o que importa é a auto-superação, a vida em fluxo nervoso, os prazeres abstratos da onipotência proporcionados pelas intensidades aceleradas. Enquanto as relações reais de proximidade cedem lugar aos intercâmbios virtuais, organiza-se uma cultura de hiperatividade caracterizada pela busca de mais desempenho, sem concretude e sem sensorialidade, pouco a pouco dando cabo dos fins hedonistas (LIPOVETSKY, 2004, p.80)

A relação do homem com o trabalho também foi transformada: se antes, era uma obrigação moral, agora é uma oportunidade para compartilhar os frutos de seu trabalho (LASCH, 1983). Contudo, o desenvolvimento das atividades tem se tornado cada vez mais tecnificado e mecânico, colocando o homem em uma posição de mero operador de máquinas, sufocando suas potencialidades na função laboral. Tornando objeto no trabalho e atuando abaixo de suas competências e habilidades, o autor afirma que o homem se aceita como mercadoria, adotando o cinismo como meio de relação cotidiana, fugindo da reflexão e da atividade por meio da ironia.

Atropelado pelo excesso de atividades e pelo esvaziamento de sentido em sua atividade laboral, vivendo a sexualidade como fuga da pressão cotidiana e das insatisfações da existência, o indivíduo busca de forma imperativa uma leveza no trabalho bem como nas demais relações sociais, inibindo aquela parcela necessária de sacrifício pessoal construtora do processo civilizatório (SAROLDI, 2012). O clima de competição constante pela melhor posição dentro da empresa promove o desligamento afetivo e certa indiferença com a realidade externa, mas ao mesmo tempo implica uma proximidade com as pessoas que detém o poder organizacional, sendo necessário ler as relações de poder existentes (LASCH, 1983). Com isso, o trabalho passa a perder o seu valor antropológico como constituinte do sujeito, conferindo-lhe um caráter supérfluo (OLIVEIRA, F., 2007). Tudo isso lança o sujeito na experimentação de contradições existenciais (LIPOVETSKY, 2004), cujos sintomas são conhecidos na clínica, como as compulsões, perda de sentido, sentimento de vazio, dentre outros.

4.1.3 O consumo

Com a inversão da posição do homem como agente para espectador-consumidor, observa-se que o entretenimento tem sido erigido como valor máximo da cultura contemporânea. Divertir-se, entreter-se, fugir ao tédio torna-se a paixão universal, mas o que parece ser algo positivo, pode apresentar consequências como a cultura banalizada, frivolidade generalizada e um jornalismo irresponsável proliferado entre as massas (VARGAS LLOSA, 2013). Ainda aqui a indústria disponibiliza uma variedade de mercadorias para o consumo.

A vida social passa a ser organizada através de grandes centros de consumo (*shopping centers*, galerias, *drugstores*) onde toda espécie de miscelânea encontra-se à disposição do consumidor. Nas palavras de Baudrillard (2014):

O trabalho, o lazer, a natureza, a cultura, que outrora se encontravam dispersas e provocavam a angústia e a complexidade na vida real, nas nossas cidades "anárquicas e arcaicas", todas as actividades desgarradas e mais ou menos irredutíveis umas às outras - ei-las agora como um todo misturado, amassado, climatizado, homogeneizado no mesmo travelling de um shopping perene, completamente assexuado no ambiente hermafrodita da moda! (BAUDRILLARD, 2014, p. 18)

Até mesmo a organização dos produtos é planejada de forma tal que possibilite o desenvolvimento de uma cadeia de necessidades no consumidor: um produto produz a necessidade do outro ao lado. O consumo invade a vida dos sujeitos em todos os seus aspectos e atividades encadeando modos combinatórios de buscar satisfações (BAUDRILLARD, 2014). O autor afirma que antes os homens ricos se cercavam de pessoas, sendo que hoje estão cercados de objetos. Contudo, é possível verificar que todos, nas mais diversas classes, são assediados para a aquisição contínua de mercadorias que se adequem às necessidades do sujeito. Esse fenômeno só é possível porque o espetáculo celebra os objetos, mercadoria ou produtos, pela publicidade, comercializando uma imagem do que é a vida. Cria-se uma multiplicação de objetos, serviços, gerando uma evidência fantástica de abundância e consumo: desta forma esses centros de consumo imitam a prodigalidade da natureza perdida, alimentando a esperança de que haja o demasiado para todos (BAUDRILLARD, 2014).

Mas como explicar esse consumo desenfreado de produtos se, pela própria lógica do mercado, eles são descartáveis? O consumo é regido pelo pensamento mágico, uma espécie de boa fé em um direito natural à abundância (BAURDILLARD, 2014). É através desse pensamento mágico que o sujeito procura dar integralidade a mudança na história, numa tentativa de apreender a realidade nos signos que dela o espetáculo transmite. Sendo os signos a via de contato com a realidade transmitida, o sujeito – como consumidor – muda sua forma de se relacionar na realidade compartilhada, política, cultura e história, modulando sua atitude pela curiosidade, uma forma de desvendar o próximo signo, abrindo mão de sua posição de agente na história coletiva (BAUDRILLARD, 2014). Pode-se dizer que é uma relação de desconhecimento do mundo como totalidade.

Contudo, o excesso de produtos disponíveis, essa superabundância dos contraditórios – que empurra o sujeito-consumidor para uma falsa escolha – se traduz num sentimento de insegurança generalizada. O espetáculo e o consumo têm produzido sujeitos marcados pela insegurança, provinda da constante mutabilidade das coisas, situações, posições numa exigência de eterna – porém sempre no presente regado pela urgência – flexibilidade adaptativa (BAUDRILLARD, 2014; LASCH, 1983). E uma das contradições se apresenta pelo caráter positivo com o qual o consumo é apresentado: tudo o que é produzido e mensurável é positivo, resultado da mentalidade mágica da felicidade coisificada. Baudrillard (2014) afirma que tais resultados são de interesse na manutenção da produção e do consumo, como força impulsionadora desse processo.

Outro resultado observado é o desperdício nessa sociedade que consome. Segundo Baudrillard (2014), o sentimento de vivência – e não apenas existência – se manifesta no consumo do excedente e por isso o desperdício aparece como uma marca em tantas sociedades: não se consome apenas o necessário (existência), mas a consumição do excesso chega ao supérfluo como sinal da vivência⁵. Reduzir o consumo a algum juízo moral, entendendo-o como uma forma de loucura de depredação é desconsiderar sua função social específica de qualificação dos sujeitos em castas delineadoras de *status*. O desperdício está ligado ao modo de produção que mudou: todo objeto produzido não está em função de seu valor de uso, mas de seu descarte (BAUDRILLARD, 2014). Ele pode ser caracterizado como o esquema

⁵ O autor critica categoricamente o desperdício: “Toda a produção e despesa que vá além da estrita sobrevivência, pode ser rotulada de desperdício” (BAUDRILLARD, 2014, p.43).

psicológico, econômico e sociológico da cultura hodierna. Por isso, o processo de destruição lento e gradual – planejado, poderíamos dizer – faz parte do ciclo de produção-consumo-desperdício, repetidamente⁶.

O processo produtivo, gerador da superabundância de objetos, se funda sobre o compromisso de uma democracia igualitária, na qual, supostamente, todos possam ter acesso aos bens, graças ao excesso de produtos e à possibilidade de bem estar com a aquisição dos mesmos (BAUDRILLARD, 2014). Claro que toda essa disponibilidade de consumo está hierarquizada – segundo o sistema, democraticamente – de acordo com as condições financeiras de aquisição: é aqui que o processo se torna classificatório e mantenedor de castas sociais distintas – embora mutáveis e intercambiáveis entre si, para aumentar o consumo. A classe alta muda sua forma de ostentação: ao invés de mostrar apenas quantidades de bens, agora demonstra uma cultura distinta de círculos sociais, modos e costumes tipificados (BAUDRILLARD, 2014). Talvez essa cultura de alta classe, que Vargas Llosa (2013) chama de alta cultura, esteja agora em crise, dado o projeto de universalização da cultura como um todo à toda a população através dos processos escolares educativos. Embora haja algo de verdadeiro em sua crítica e que, de fato, certa superficialidade engendre esse processo de distribuição cultural, o que não podemos esquecer é que tudo isso está sendo manejado como um produto para o consumo das massas, mesmo que seja das massas altamente remuneradas. Para Ferry (2015), o desaparecimento dessa cultura – que alguns denominam clássica – faz parte do processo de desconstrução de valores que vem ocorrendo desde o século XIX.

Dentro desse processo de consumo, aquilo que era natural – natureza, ar puro, espaço, silêncio – são agora bens de alto preço, disponíveis como direitos sociais novos, divulgados com *slogans* elaborados para elevar a distinção daqueles que os consomem (BAUDRILLARD, 2014). O autor afirma que todos os bens naturais passaram a ser formas produtivas, como fontes de lucro econômico e de privilégio social. Mais uma vez, a liberdade de escolha, ou falsa escolha, não é percebida como uma obediência ao código de consumo dominante nem condicionamento da diferenciação social em castas.

A criação de necessidades pode ser vista como resultado da urbanização porque ela expande a diferenciação social dos indivíduos lançando o sujeito na

⁶ Com a abundância também vêm prejuízos graves: ruído, poluição de ar e da água, destruição das paisagens e lugares, perturbação das zonas residenciais pela implantação de novos equipamentos.

alienação do consumo (BAUDRILLARD, 2014). Segundo o autor, seria necessária uma revolução na lógica social para não nos prendermos à lógica do consumo. E a imagem veiculada pelos meios de comunicação tem função primordial na criação dessas necessidades.

4.1.4 Narcisismo

O narcisismo é um dos conceitos caros à psicanálise, sendo que depois de Freud, o conceito foi amplamente explicitado por autores psicanalíticos como Jacques Lacan, Heinz Kohut, Hebert Alexander Rosenfeld, Béla Grumberger, André Green e outros (ZIMERMAN, 2001). Remetendo ao mito de Narciso, o narcisismo consiste num amor a imagem de si mesmo. Contudo, o narcisismo é uma importante etapa da constituição da subjetividade, sendo condição fundamental para a constituição do eu, chegando a se confundir com ele (GARCIA-ROZA, 1995). Pode ser classificado como narcisismo primário – quando a fonte e o objeto da energia libidinal é o próprio sujeito – e narcisismo secundário – quando a energia libidinal, depois de ter sido direcionada a objetos exteriores, retorna ao ego do sujeito. Autores posteriores a Freud não veem vantagem nem aplicabilidade clínica dessa divisão haja vista que na prática se mostram indissociáveis, confundindo-se entre si (ZIMERMAN, 2001). Em sua obra *Sobre o narcisismo*, Freud (1914/1996), tratou de mostrar as diversas formas como a energia libidinal poderia ser retirada do mundo dos objetos e ser reinvestida no próprio ego, quando, por exemplo, estamos doentes e retiramos o investimento libidinal sobre objetos externos para investir em nós mesmos. Freud (1914/1996) afirma que deixamos de amar enquanto sofremos, entendendo amor como investimento libidinal. Fica evidente que além de ser uma parte constitutiva, o narcisismo pode tornar-se um modo fechado de se relacionar centrando o sujeito em si mesmo como fonte e objeto permanente de satisfação. Contudo, o alerta freudiano poderia ser entendido como uma terapêutica para os dias atuais: os sujeitos terão que amar, isto é, investir libidinalmente em objetos externos a fim de não morrer adoecidos (FREUD, 1914/1996) – e essa morte poderia ser compreendida em sentidos diversos como por exemplo a superficialidade a que nos submetemos e o distanciamento que mantemos em nossas relações.

E nesse relacionamento com o mundo exterior, com o outro para o qual é possível investir a libido, é que se pode compreender a importância do vínculo de reconhecimento, tão necessário constitutivamente para a formação da identidade. Esse olhar do outro possibilita delimitar a forma do eu, numa relação de alteridade. Para compreendermos esse importante movimento psíquico, elucidamos o pensamento de Lacan (1966/1998) sobre o estágio do espelho. Para o autor, o ego é feito de identificações com o outro, não pre-existindo numa essência já formada. Isso pode ser descrito da seguinte forma: o bebê começa a se reconhecer através de uma imagem refletida que sua mãe, por exemplo, pode lhe fornecer por meio dos cuidados e da relação, desse olhar atencioso. É nas relações com os outros que a devolutiva de sua imagem vai contribuindo para a formação de sua noção de totalidade, do seu corpo. Essa integração é anterior ao desenvolvimento completo da motricidade e por isso, a criança sente seu corpo fragmentado, o qual se integrará através dessas identificações que possibilita a primeira experiência de unificação.

Trata-se de um processo de alienação no qual o sujeito necessariamente depende do outro para formar sua própria identidade, formar uma imagem de si. Contudo, esse processo é uma função que visa manter a ilusão de coerência e unificação a fim de não deixar o ser em constituição num vazio angustiante do qual se origina. Embora seja extremamente necessário na constituição inicial para a que a criança possa ser inserida no mundo social (IMANISHI, 2008), tal processo se perdura por toda a existência como fundamento integrador nas relações com outro.

Olhando para a função sociabilizante da libido presente no narcisismo e da importância do outro na constituição do sujeito, analisaremos como a cultura contemporânea promove, exalta e ordena as relações através dos elementos fundamentais do narcisismo.

O narcisismo parece realisticamente representar a melhor maneira de lutar em igualdade de condições com as tensões e ansiedades da vida moderna, e as condições sociais predominantes tendem, em consequência, a fazer aflorar os traços narcisistas presentes, em vários graus, em todos nós. (LASCH, 1983, p.76)

Como a visão de futuro foi comprometida pelo abandono do senso de continuidade histórica, os sujeitos se voltam para a exaltação construtiva de si.

Atendendo a lógica da escalada social de diferenciação, o narcisista admira e se identifica com aqueles modelos de sujeitos vencedores, campeões, não por buscar um modelo identificatório, mas por medo de ser rotulado como perdedor. Almeja seu brilho, sua posição, seu *status*. Essa identificação narcisista, na verdade, é uma atitude de “compreensão” do outro como extensão de si (LASCH, 1983): o narcisista não percebe o outro como alteridade. E tal atitude possui um problema de relacionamento grave a nível social: todo indivíduo busca seu lugar social pelo reconhecimento de suas capacidades e diferenças (BOSCO, 2015). Não ser reconhecido equivale ao aniquilamento individual na vida social. Para Lipovetsky (2004), a busca de reconhecimento migrou: não é suficiente o reconhecimento pelo que fazemos enquanto cidadãos livres e iguais perante os outros; “trata-se de sermos reconhecidos pelo que somos em nossa diferença comunitária e histórica, pelo que nos distingue dos outros grupos” (2004, p.95).

Se olharmos para lógica da criação de necessidades, o narcisista é o *locus* ideal para a cultura atual: ele se sente consumido por seus desejos. Deseja afastar-se dos outros⁷ e busca aniquilar sua dependência da alteridade, ao mesmo tempo em que faz exigências desordenadas às suas amizades e parcerias sexuais. Reside nele uma contradição, pois a necessidade da relação é presente, contudo, solicita manter relações superficiais, sem promessas, numa espécie de distanciamento afetivo (LASCH, 1983). O mercado oferece diversos produtos para que alcance sua felicidade. Aqui, a estetização da vida cotidiana encontra o nicho perfeito: vivemos cercados por espelhos e diversas formas de obter o foco sobre o nosso melhor ângulo, nossa melhor imagem. É o reinado da aparência, encorajada pela publicidade numa busca de perfeição, de corpos imaculados, da eterna juventude (LASCH, 1983). A insegurança também aparece como marca subsequente desse processo, pois a cada encontro com essa imagem refletida pode-se visualizar as imperfeições próprias da decadência humana. Tomando o olhar do outro como importante para validar a existência do seu eu, o narcisista necessita ser admirado por sua beleza, encanto, celebridade ou poder. Faltam-lhe recursos interiores capazes de ajudá-lo a lidar com

⁷ Lasch (1983) afirma que a atenção materna incessante, ainda que mecanicista, não propicia o desenvolvimento de condições para lidar com as frustrações. Em fuga dessas frustrações, o narcisista pode buscar compensações parciais importantes como a masturbação e pornografia, numa tentativa de evitar o enfrentamento das reações oriundas do encontro com o outro, “outro que atua como limite para as fantasias onipotentes estimuladas como compensação para os sentimentos inconscientes de impotência e desespero devido a traumas relacionais iniciais”. (BALLARÁ, 2016, p.144).

as insatisfações ocorridas no decorrer da vida e do tempo. O horror à velhice e à morte (LASCH, 1983; BAUDRILLARD, 2014) são comportamentos típicos do narcisista, mas também encontrado em traços menores em todos os indivíduos⁸ da sociedade contemporânea.

Não há elo geracional com o futuro⁹, por isso o narcisismo é considerado pelo autor como a estruturação típica do caráter dessa sociedade. Embora aparente ser um investimento sobre si, o narcisismo na sociedade do consumo é uma consequência dos traços coletivos impostos como modelos de referência, produzidos industrialmente (LASCH, 1983). Por isso, podemos nos perguntar: as patologias contemporâneas não seriam resultado da aquisição dos modelos de personalidades produzidas – e divulgadas pelas celebridades através dos meios de comunicação em massa (BAUDRILLARD, 2014)? Adotar um modelo pré-fabricado e divulgado reflete essa necessidade de reconhecimento pelo outro que, de acordo com Zimerman (2004), tem aumentado os casos de pacientes com falso *self*, sendo que a falta desse reconhecimento tem sido verificado nos casos de estados depressivos. Lipovetsky (2004) sustenta que não há uma mudança completa dos valores no sujeito contemporâneo haja vista que ainda se confere algum valor ao amor, amizade; há a necessidade de moralizar a política, a economia, a mídia e outras formas de indignação diante dos horrores sempre presentes nas sociedades. E não há nisso nenhuma surpresa: a sociedade, regida pelo consumo, sustenta a contrariedade e arbitrariedade como cenário das relações. Diante disso, cabe nos perguntar: será que os indivíduos sustentam ou mantêm um falso *self* para se adaptarem socialmente à cultura estabelecida, quando, na verdade, cultuam outros valores em segredo, em intimidade, manifestos esporadicamente e quase que como um ato falho? A vida verdadeira é aquela que passa paralela a toda essa realidade representada e vivida no aceleramento?

É através dessas mercadorias que os sujeitos se exteriorizam em relações superficiais e midiáticas, pois o culto à imagem é fundamental para a constituição da

⁸ Freud (1914/1996) afirma que é possível encontrar características narcisistas em outros tipos de personalidade. Em seu trabalho psicanalítico, traços narcisistas foram os responsáveis pela inaceitação da sugestionabilidade no processo de hipnose, por exemplo.

⁹ “Quando a perspectiva de ser substituído torna-se intolerável, a própria paternidade, que garante que isto acontecerá, aparece quase como um forma de autodestruição” (LASCH, 1983, p. 255). Como são incapazes de pensar no futuro das próximas gerações e com eles não têm nenhum compromisso, a paternidade se torna um caminho de destruição do culto de si mesmo pela manutenção da juventude e do bem estar.

individualidade nos tempos hodiernos (BIRMAN, 2014a). E essa imagem é exteriorizada: há um excesso da exteriorização do sujeito, marca da cultura do narcisismo. Considerando que toda sociedade reproduz sua cultura (normas, modos de organização social, moral etc) na formação da individualidade do sujeito, nos defrontamos com Lasch que afirma:

Novas formas sociais requerem novas formas de personalidade, novos modos de socialização, novos modos de se organizar a experiência. O conceito de narcisismo proporciona-nos não um determinismo psicológico feito sob medida, mas um meio de compreender o impacto psicológico das recentes mudanças sociais [...] O narcisismo parece realisticamente representar a melhor maneira de lutar em igualdade de condições com as tensões e ansiedades da vida moderna, e as condições sociais tendem a fazer aflorar os traços narcisistas presentes, em vários graus em nós. (LASCH, 1983, p. 76.)

Contudo, será o narcisismo mesmo a melhor opção de adaptação ao estilo de vida contemporânea? Não é ele o responsável pelo adoecimento alienante dos sujeitos? Abraçar o narcisismo como modo adaptado de atuação no mundo não é somente adquirir um novo produto? É com essa reflexão que analisaremos o papel fundamental da cultura da imagem como produtora e reforçadora da cultura dominante.

4.1.5 A difusão de imagens

São influências importantes na constituição narcisista da época o papel dos meios de comunicação em massa, as pessoas célebres e a proliferação de imagens. “Todos os grandes dinossauros que entretêm a crônica das revistas ilustradas e da TV são sempre celebrados pela vida de excesso e pela virtualidade de despesas monstruosas” (BAUDRILLARD, 2004, p.44). Os *mass media* exaltam modelos de comportamentos pela aquisição de produtos, comercializando estilos de vida – ou em outras palavras, vendendo cultura. E nessa vacuidade de recursos interiores, os sujeitos comuns seguem aqueles apresentados como os novos exemplos a serem seguidos: as celebridades. É sob sua luz e o seu brilho que os indivíduos buscam imitar (LASCH, 1983), e o desperdício encontra aí uma justificativa socialmente aceita,

pois se todos podem e merecem o seu lugar de destaque, todos consomem e descartam aquilo que não serve para atingir o lugar de merecimento.

As características do processo que criaram um novo sujeito foram descritas como a estimulação de desejos infantis por meio de anúncios, a usurpação da autoridade parental pelos meios de comunicação em massa e pela escola e a racionalização da vida interior, acompanhadas de uma falsa promessa de satisfação pessoal (LASCH, 1983; BURD, 2016). Essa proliferação de imagens tem alterado o senso de realidade, de modo que a existência humana passou a ser validada pelas imagens que são produzidas e proliferadas. Perdeu-se a capacidade de criar as próprias representações da realidade, potencializando a dependência dos meios de comunicação como organizadores da experiência com o real (SAISI, 2006) ao mesmo tempo em que os sujeitos, tão dependentes desse processo, são transformados em informação eletrônica, em bits¹⁰, num processo desorientador que pode ser descrito como desencarnação inconsciente (McLUHAN, 2015)¹¹. É um convite ao deleite, ao público multiplicado que pode possibilitar o encontro, contudo um encontro de imagens semelhantes (BAUDRILLARD, 2014). De acordo com Ballarà (2016), o nosso mundo relacional mais íntimo, isto é, a sexualidade está sendo invadida e transformada pela dependência da realidade virtual para a busca de satisfação do desejo. Essa produção de imagens tem modificado o modo de produzir e reproduzir a realidade, adequando esta ao resultado mostrado pelos diversos meios da imagem: câmeras, vídeos, fotografias etc. O que existe é o que se pode ler, aquilo que é lendário, não importa mais se é verdade ou história, mas a coerência interna dessa produção de imagens que possibilita uma leitura (BAUDRILLARD, 2014). Um exemplo dessa mudança de perspectiva é o que Lasch (1983) afirma sobre a função social do álbum familiar: é a garantia da transmissão do desenvolvimento infantil e não mais a narrativa familiar; a fotografia é a evidência da existência infantil.

Percebe-se que houve uma mudança na forma, chamada de neo-realidade por Baudrillard (2014), produzida pela combinação das imagens codificadas nesse

¹⁰ “The user of electric media has become information, an environmental image, exempt from natural law. Once out of nature...” (McLUHAN, 2015).

¹¹ McLuhan (2015) fala da desencarnação inconsciente – o corpo é deixado para trás, de lado, aparecendo como mídia, rápida, veloz, transformando os indivíduos em informação numérica, bits, erigindo uma nova metafísica humana - como um processo viabilizado pelas novas tecnologias de comunicação que permitem ao indivíduo estar em muitos ambientes ao mesmo tempo (TV, rádio, redes sociais e demais pólos da internet) sem sair de seu lugar material. É o ambiente propício para o público de massa, que cria multidões específicas para cada ambiente com dialetos próprios, comportando-se de acordo com a multidão a qual pertence.

sistema social. É uma simulação da vida cotidiana, re-apresentada agora pelos meios de comunicação. Primeiramente em Postman (1992), mas também em Vargas Llosa (2013), encontramos a descrição dessa transformação quando diz que a cultura tradicional tinha como meio de transmissão a palavra, seja através da escrita ou oral. De acordo com os autores, o nascimento da cultura de massas se deve ao predomínio da imagem e do som sobre a palavra, transformando tudo numa tela. Com isso, ocorre o deslocamento, dessincronização e desregulamento do espaço-tempo da cultura. Por isso, Debord (1997) caracteriza a sociedade como espetáculo, em virtude de todas as relações serem mediadas pela imagem. Essa mediação, segundo Vargas Llosa (2013) é prejudicial para a cultura, pois a produção literária, por exemplo, é promovida ou aceita de acordo com as técnicas publicitárias e a reação condicionada do público prescindindo do exercício da razão. O autor é explícito quando diz que, na verdade, toda a realidade já nasce minada pela projeção dessas imagens falsificadas e manipuladas. A tragédia é que essas imagens parecem ser as únicas “compreendidas” e admitidas pela humanidade que o autor chama de humanidade domesticada¹². Para a prática clínica se põe a pergunta: como atuar quando a objetividade da realidade está comprometida pela influência das imagens divulgadas pela mídia e a “compreensão” e aceitação dessas imagens têm sido a prática da atualidade? Há mesmo uma compreensão – o que pressupõe uma reflexão crítica – ou apenas uma reação afetiva e reativa de tudo que nos é proposto e imposto pelos *mass media*? Ou estamos aceitando, através de um modelo atualizado de fé (POSTMAN, 1992), o discurso científico entranhado nos meios de comunicação que propõe e nos impõe um modelo normativo de vida?

4.1.6 Comunicação em massa: publicidade e jornalismo

As novas tecnologias têm dominado o modo como a informação é transmitida aos usuários. Contudo, é um erro afirmar que elas são as responsáveis por introduzir

¹² Para Vargas Llosa (2013), está em declínio o papel do intelectual. “Numa sociedade onde há enfraquecimento das ideias como força motriz da sociedade o que importa é a imagem e não reflexão. O intelectual somente será de interesse se entrar no jogo social midiático” (VARGAS LLOSA, 2013, p. 40)

o homem na era da informação: isso ocorre desde a invenção da imprensa, telégrafo e outros meios de comunicação (POSTMAN, 1992). O que se pode observar, segundo o autor, é que, graças às novas tecnologias, a informação foi elevada a um *status* de meio e de fim da criatividade humana sem uma reflexão apurada das consequências disso¹³.

Tendo como valor máximo a diversão e o entretenimento, na sociedade atual a informação tem papel prioritário para narrar a novidade, o escândalo; perde-se o seu valor de importância nos cenários político, social, econômico ou cultural. Troca-se a legitimidade dos fatos pela vulgaridade, bisbilhotice, deslealdade, escândalo, violação da privacidade, calúnias, difamações: tudo para entreter e divertir alimentando as massas pelas paixões mais baixas ou comuns da humanidade (VARGAS LLOSA, 2013; FERRY, 2015; POSTMAN, 1992), atraindo o público com manchetes impactantes e espetaculares pela curiosidade sádica (PATIAS, 2006). De acordo com Postman (1992), no início do século XX, com a evolução da telegrafia e a expansão da fotografia, houve uma nova definição do que é informação, prosseguindo sem ligação a contextos, defendendo a instantaneidade contra a continuidade histórica e ofereceu o fascínio no lugar de complexidade e coerência¹⁴. E essa característica tem invadido mesmo os programas e jornalismo mais conceituados pela seriedade nos assuntos, transformando-os no que Vargas Llosa (2013) chama de espetáculo dos horrores. A mudança dessa realidade não depende dos meios de comunicação, porque eles mesmos nascem nessa realidade social que forja sujeitos espetaculares, propensos às banalidades da vida cotidiana e ao consumo. Uma forma de lixo, incapaz de orientar adequadamente soluções para problemas da humanidade (POSTMAN, 1992)¹⁵. Nas palavras de Vargas Llosa:

¹³ "This is elevation of information to a metaphysical status: information as both the means and end of human creativity" (POSTMAN, 1992).

¹⁴ "As the twentieth century began, the amount of information available through words and pictures grew exponentially. With telegraphy and photography leading the way, a new definition of information came into being. Here was information that rejected the necessity of interconnectedness, proceeded without context, argued for instancy against historical continuity, and offered fascination in place of complexity and coherence" (POSTMAN, 1992).

¹⁵ "Information has become a form of garbage, not only incapable of answering the most fundamental human questions but barely useful in providing coherent direction to the solution of even mundane problems" (POSTMAN, 1992).

A imprensa sensacionalista não corrompe ninguém; nasce corrompida por uma cultura que, em vez de rejeitar as grosseiras intromissões na vida privada das pessoas, as reivindica, pois esse passatempo, farejar a imundície alheia, torna mais tolerável a jornada do funcionário pontual, do profissional entediado e da dona de casa cansada. (VARGAS LLOSA, 2013, p. 124)

Nesse processo cultural, não temos apenas produto para o consumo, mas o grande resultado é a produção do consumidor: sempre insatisfeito, necessitado, ansioso, entediado. É a promoção de um modo de vida, uma reeducação das massas para a vivência de novas formas de satisfação pessoal, criando assim novas formas de insatisfação (LASCH, 1983). E o ciclo insatisfação-consumo se renova produzindo a passividade característica da atualidade. Por exemplo: ao invés de se rebelar contra as condições de trabalho e vida, o trabalhador - frustrado em sua atividade - sublima sua revolta e se renova no consumo, adquirindo produtos e serviços como forma de cura, numa promessa de felicidade. Essa é a nova forma de alienação, consumida como mercadoria (LASCH, 1983). Segundo o autor, mesmo as transformações culturais e sociais foram influenciadas pela publicidade e propaganda, como o movimento libertário dos jovens, das mulheres (BURD, 2016) e outros grupos, interessados em torná-los consumidores ávidos de produtos que expressam sua liberdade identitária. É nesse nicho que a publicidade desenvolve suas melhores estratégias, visando explorar a potencialidade de mercado na infinidade das necessidades dos sujeitos enquanto seres sociais, fornecendo um sentido e um valor à sua demanda, atingindo cada um em sua função com os outros, nessa escalada de prestígio social (BAUDRILLARD, 2014). Com o desaparecimento da crítica, a publicidade tornou-se o centro articulador que constitui a vida cultural influenciando gostos, imaginário, sensações, costumes (VARGAS LLOSA, 2013). De acordo com McLuhan (2015), a cultura atual é de novos nômades, caçadores desencarnados à procura de informação, num jogo de caça e procura, num ambiente de tecnologias cada vez mais participativas e interativas, desafiando nossa ideia de identidade privada em virtude de sermos absorvidos como público de massa.

Um resumo sobre o papel da cultura de massa promovida pela publicidade e pelo jornalismo irresponsável de nossa época podemos encontrar nas palavras de Lasch (1983):

[...] procura criar necessidades, não satisfazê-las, gerar novas ansiedades, em vez de atenuar antigas. Cercando o consumidor de imagens de boa vida e associando-as ao fascínio da celebridade e do sucesso, a cultura de massa encoraja o homem comum a cultivar gostos extraordinários, a identificar-se com a minoria privilegiada contra os demais e juntar-se a ela, em suas fantasias, em uma vida de conforto e refinamento sensual... Ao abrigar aspirações grandiosas, abriga também autodegeneração e autodesprezo. (LASCH, 1983, p. 222)

Com esse constante incentivo de construção de si com os produtos e serviços disponíveis no mercado, sinalizando assim como um ápice de criatividade (LASCH 1983), a sociedade atual, em seu consumismo desenfreado, tem como bens raros o saber e o poder (BAUDRILLARD, 2014), sendo esses também produzidos e comercializados de forma massificada, nos fenômenos literários mundiais, para os quais há consumidores desse tipo de cultura (VARGAS LLOSA, 2013).

4.1.7 Reciclagem

Encerrando este capítulo, apresentamos a noção de reciclagem, como uma das dimensões necessárias para a manutenção da hierarquia social de privilégios, do consumo. Não é aplicada apenas ao projeto profissional, mas essa reciclagem se destina aos diversos setores da vida humana: pessoal, familiar, profissão, relações interpessoais. Ela visa o sucesso e quem não a alcança estará à margem da sociedade. Tudo precisa ser reciclado: moda, cultura, ciência, transmitindo assim a percepção de efemeridade das coisas, relações e identidades. Nada é feito para durar (BAUDRILLARD, 2014) e as transformações têm tornado irrelevantes as experiências precedentes (OLIVEIRA, F., 2007).

O passado não mais é socialmente instituidor nem estruturante; está renovado, reciclado, mas ao gosto de nossa época, explorado com fins comerciais. A tradição não mais convoca à repetição, à fidelidade e à revivescência das coisas imutáveis de outrora; ela se tornou produto de consumo nostálgico ou folclórico, mera olhadela para o passado, objeto-moda. (LIPOVETSKY, 2004, p. 89)

Portanto, discutir sobre a contemporaneidade é compreender que a vinculação necessária nas relações humanas já não é um pressuposto, mas uma habilidade em desconstrução pela descontinuidade, pela fluidez e pelo alheamento

de tudo que tange a realidade humana. O homem se vê como produto aparentemente de si mesmo, mas suas angústias quando analisadas lembram-no de sua condição de ser desejante, deslocado dentro desses padrões que não lhe dão possibilidade de ser o algo a mais que seu desejo lhe aponta. Nisso reside a força da resistência ao frenesi reciclatório de adequação ao consumismo social.

4.2 CAPÍTULO 2: AS TRANSFORMAÇÕES NO SUJEITO

4.2.1 O desejo

A descrição de Freud para o funcionamento do psiquismo é conhecida através de suas duas tópicas: a de modelo topográfico, segundo a qual o psiquismo é dividido em lugares (inconsciente, pré-consciente e consciente) interligados entre si, ocupando assim um lugar na mente; e a de modelo estrutural, onde três instâncias (id, ego e superego) interagem indissociavelmente e de modo permanente (ZIMERMAN, 1999). O Id é ao mesmo tempo um reservatório das pulsões bem como é uma fonte de energia psíquica. O ego pode ser considerado a razão e o senso comum (FREUD, 1923/1996), aquela parcela consciente que “funciona como mediadora, integradora e harmonizadora entre as pulsões do id, as exigências e ameaças do superego e as demandas da realidade exterior” (ZIMERMAN, 1999, p.84). O superego é a instância repressora que a todo custo visa bloquear as pulsões do id, proibindo-as de atingir seu objeto de desejo. O funcionamento do aparelho psíquico funciona de modo a reduzir as tensões originadas pela busca da satisfação dos desejos ou pulsões do id que encontram as barreiras do superego. A redução dessa tensão dependerá da formação de estrutura de personalidade instalada bem como da relação do indivíduo com a sua sociedade haja vista que o superego é a introjeção das formações culturais e morais de uma civilização.

De acordo com Birman (2014a), os destinos do desejo têm assumido, em nossa sociedade, uma direção exibicionista e autocentrada, sem contudo se qualificarem como relações intersubjetivas necessariamente de trocas humanas. Sua afirmação culmina no ápice que a violência, oriunda de um medo da excessiva aproximação com o outro, assume cotidianamente como uma marca da atualidade. Sua ideia pode ser corroborada pelo seguinte trecho:

Então, porque atualmente, esse medo da superproximidade do Outro como sujeito do desejo? Por que a necessidade de descafeinar o Outro, de privar ele ou ela da substância de sua matéria-prima de *jouissance*? Suspeito que se trate de uma reação à desintegração das barreiras simbólicas protetoras que mantinham os outros a uma distância adequada. (ZIZEK, 2014. p. 57)

Se com Freud o desejo era visto como o catalisador de possíveis transformações da individualidade, entendido como uma condição de reinvenção do sujeito (BIRMAN, 2014b), hoje o medo do outro já se torna uma barreira às relações aprisionando o sujeito em seu autocentramento.

Regido pela nova ordem superegóica de diversão¹⁶, entretenimento e felicidade, o sujeito busca explorar todas as possibilidades de gozo, gratificação, numa expressão de curiosidade generalizada movida pela obsessão difusa de ser feliz, incluindo aí o medo de falhar em ser feliz (BAUDRILLARD, 2014). Essa obsessão pela felicidade, pelo gozo pode desembocar num império da barbárie, sendo que o sujeito coloca em risco sua própria liberdade e segurança para alcançá-la (SAROLDI, 2012), pois o outro não será considerado em sua alteridade, mas como objeto de satisfação e prazer, um objeto para a realização de meu desejo. Contudo, a nossa constituição psíquica nos condena a viver continuamente esforços para atingir metas civilizatórias enquanto alcançamos poucas gratificações (SAROLDI, 2012).

O que poderia ser visto como uma ilimitada possibilidade de realização afetiva, pela liberação dos desejos, tem se mostrado como superficialidade dos sujeitos que, segundo Lasch (1983), “erigiram tantas barreiras psicológicas contra emoções fortes e investiram tantas defesas com tanta energia derivada de impulsos proibidos, que não mais conseguem sentir o que é deixar-se inundar pelo desejo” (1983, p.32). Apresentam um superego rígido, com elementos cada vez mais arcaicos, constituídos que estão por um “eu grandioso”, experimentando sentimentos de vazio e inautenticidade (LASCH, 1983; ZIMERMAN, 2004).

4.2.2 A família

A definição de família como fundamento da sociedade, uma célula do grande organismo social, e sua finalidade como promotora das necessidades dos indivíduos remonta aos tempos gregos (ARISTÓTELES, 2007). A Convenção sobre os Direitos

¹⁶ Para Saroldi (2012), essa incitação à felicidade na sociedade consumista em que vivemos é resultado da mudança nas funções do superego: se outrora existia a culpa como barreira do gozo, agora há a exigência do gozo, através da negociação constante do que é possível. “Gozar, portanto, se torna um verbo intransitivo na sociedade na qual o grande negócio é negociar sempre.” (SAROLDI, 2012).

da Criança, a Convenção Americana dos Direitos Humanos bem como a Declaração Universal dos Direitos Humanos promulgam a família como célula base da sociedade, necessitando inclusive da segurança do Estado para garantir que ela exerça sua função como transmissora geracional.

E nessa célula-base do organismo social podemos perceber transformações significativas. As mudanças no modo de produção bem como do consumo proporcionaram uma retirada da autoridade dos pais sobre a gestão dos filhos, alterando completamente a disposição dos membros dentro da família (OLIVEIRA, N., 2009; FALCETO, WALDEMAR, 2009). De acordo com Lasch (1983), a família foi invadida pela indústria e sua propaganda, pelos meios de comunicação em massa bem como pelos especialistas¹⁷ em saúde e agentes estatais responsáveis pela garantia da segurança dos filhos, alterando o vínculo entre pais e filhos. Com isso, criou-se também um ideal de paternidade perfeita, destruindo a confiança dos pais em si mesmos, em sua capacidade de atuarem em seu papel de educador e formador dos novos sujeitos. Esse ideal é chamado por Walsh (2016) de mitos de perfeição e somente agravam o sentimento de fracasso e deficiência familiar, mesmo quando reconhecem que esses modelos não se encaixam mais no cotidiano das vidas. Por isso, mais do que uma invasão, há uma verdadeira educação das massas alterando a qualidade das relações maritais e pais-filhos. É uma educação que tem colocado os membros familiares sob a paternidade da publicidade corporativa industrial e do Estado, como garantidor da segurança. Tal mudança tem criado uma dependência na família do auxílio de especialistas para a gestão das relações e da formação do sujeito. Para Lasch (1983), há uma crise na família como núcleo de formação do sujeito: ela não transmite o passado, não memorifica o sujeito nem lhe garante um futuro.

Assim sendo, há uma mudança na função básica da família, que se constituiu de maneira complexa ao longo dos séculos, cuja finalidade é integrar e articular a relação entre os desejos e as necessidades dos membros familiares, das tradições, ideologias e valores geracionais com a realidade na qual está inserida (COSTA, NEVES, KOPITKE, 2015). Para tal função, o vínculo é o pressuposto necessário a

¹⁷ Para Lasch (1983), depois de quebrada a autoconfiança dos pais em educar seus filhos e temerosos de repetir os erros do passado, os pais acataram como verdade plena as informações promovidas pelos especialistas. Em suas palavras, encontramos um resumo dessa dependência e ao mesmo tempo o cerceamento das especialidades sobre a família: "Os obstetras encarregam-se do nascimento, os pediatras são responsáveis pelas enfermidades e curas de uma criança; o professor, por sua inteligência; o supermercado e a indústria de alimentação, por sua nutrição; a televisão, por seus mitos" (LASCH, 1983, p.208)

fim de viabilizar o intercâmbio da vida psíquica entre as gerações. Tendo sido questionados em sua capacidade de criar os filhos, os pais repassaram sua parentalidade à indústria que, de acordo com Lasch (1983), se apresenta como conhecedora das necessidades e desejos dos filhos, desde os itens relacionados à saúde e segurança, desenvolvimento emocional e intelectual até o suprimento exato de vitaminas e demais produtos supostamente indispensáveis para o desenvolvimento humano dos infantes.

De acordo com Oliveira, N. (2009), o ritmo capitalista tem transformado a família numa reprodutora do individualismo e da competição, colocando o interesse particular acima do interesse coletivo dentro das relações familiares, ofuscando o objetivo socializante da família. Segundo Levy (2009), há uma mudança na ética familiar que se reflete no âmbito social: o cuidado com o outro não é mais prioritário e bem aprendido dentro de casa. Para Lasch (1983), a invasão da indústria dificulta os processos de identificações que ocorrem dentro da família, minando a autoridade parental, dificultando o crescimento dos filhos como pessoas autônomas e criando uma dependência do próprio sistema. Enfim, é perceptível a mudança nos papéis que outrora eram conferidos aos pais, avós, podendo ocorrer a inversão ou sobreposição dos mesmos, dependendo do contexto (ZIMERMAN, 2004).

Contudo, se concordamos com Oliveira, N. (2009) e Lasch (1983) que afirmam que a mudança na família é uma adaptação ao sistema vigente, não podemos afirmar que ela tem produzido somente sujeito desajustados, mas reproduzido nos sujeitos a cultura da época a qual pertence. A mudança pode ser verificada num âmbito maior quando reconhecemos que o próprio modelo de família está em transformação: não existe apenas um padrão com papéis definidos, haja vista a permissão de alguns países¹⁸ para a oficialização dos novos modelos afetivos, sendo que permanece a necessidade do parentesco como algo fundamental (WALSH, 2016).

¹⁸ No Brasil, há um embate entre forças políticas para a ampliação do conceito. Uma parcela de partidários defende uma definição estrita do conceito de família tendo como base a união heterossexual entre um homem e uma mulher, conforme Projeto de Lei 6583/13 aprovado na Câmara dos Deputados em 08/10/2015 (HAJE, 2015). Tal projeto precisa ser aprovado pelo Senado para depois ser sancionado pela presidência. Por outro lado, no Senado Federal foi apresentado o Projeto de Lei 470/13 que visa instituir um Estatuto da Família que atenda às novas configurações familiares, baseado no afeto (PROJETO, 2013). Esse projeto ainda está em tramitação. Ainda nesse embate, no dia 21 de setembro deste ano, o Superior Tribunal Federal reconheceu a responsabilidade da paternidade biológica concomitante a socioafetiva, instituindo a multiparentalidade, mesmo que não seja homoafetiva (PATERNIDADE, 2016). Observa-se setores ou parcelas políticas, supostamente representativas da população, buscando criar amparos legais para justificar preconceitos do que garantir amplo acesso aos direitos.

4.2.3 Religião e ética

Todas as mudanças na sociedade, propiciadas pela Revolução Industrial, mudaram os padrões de configuração social e os limites morais já não são tão rígidos assim. Com isso, cresce a possibilidade de o sujeito atingir o objeto de seu desejo. Como contraste, na sociedade tradicional, o sujeito era “regulado pela longa duração das instituições e pela permanência quase ancestral de seu sistema de regras, que lhe oferecem segurança e grandes certezas.” (BIRMAN, 2014a, p.84) Tudo era muito desenhado e determinado de tal modo que as possibilidades e impossibilidades eram conhecidas.

Em contrapartida, a modernização do social impõe novas exigências para a subjetividade. Esta deve ser permanentemente remodelada em consequência dos processos de transformação contínua da ordem social, que se realizam de maneira intensiva e extensiva [...] Incrementa-se muito, dessa maneira, o potencial de incerteza do sujeito, já que este passa a ser exposto a maiores opções de escolhas. A insegurança e a angústia se multiplicam, como consequência [...] Em função disso, o desamparo do sujeito se incrementa bastante, revelando-se o tempo todo como uma ferida exposta e sangrenta. Enfim, o sujeito passa a se inscrever num mundo que lhe abre muitas possibilidades, mas que também lhe aponta muitas impossibilidades. (BIRMAN, 2014a, p.85)

Para Vargas Llosa (2013), a necessidade de segurança faz com que grandes parcelas da humanidade busquem algum conforto nas religiões para seus grandes conflitos como a possibilidade de extinção, o medo da violência, o desassossego. Isso por si já justifica a proliferação de tantas igrejas e seitas. A moral da maioria necessita de algum valor transmitido pela religião. Contudo, nessa sociedade do espetáculo consumista, não é de se estranhar que a religião também se aproxime das características circenses que lhe compõe, do abuso da imagem em detrimento dos valores e ideais tidos como mais elevados. Corroborando esse pensamento, Lipovetsky (2004) sustenta que o próprio meio social contemporâneo produz a necessidade de reprodução do religioso de modo desinstitucionalizado, emocionalizado e afetivo. Sobre esse aspecto das emoções, Maria (2012) afirma que as pregações centram o discurso no dualismo bem *versus* mal, instigando os fieis a se libertarem de toda influência do mal, mesmo que a custo de grandes doações. E os meios de comunicação tem contribuído para a expansão desse discurso além do

espaço dos templos. Para Dantas (2008), o discurso usado é de caráter populista e centrado na prosperidade financeira, caso o fiel seja assíduo no seguimento.

Centrando o discurso na prosperidade, no culto à saúde do corpo e a resolução de problemas psíquicos, Maria (2012) afirma que essa nova forma de fé cristã, por exemplo, se coloca contra toda a tradição milenar até agora vivida. Trata-se, na verdade, de uma conciliação entre a fé e consumismo capitalista, sendo que para isso, cresce a habilidade dos novos líderes religiosos no domínio das massas, no emprego e uso das tecnologias e da mídia, tendo como resultado o acúmulo financeiro. Outro aspecto importante na atualidade das religiosidades é o fator de adesão à uma doutrina, religião ou seita: a adesão está relacionada com a capacidade da religião ou outrem promover experiências religiosas (GONÇALVES, 2013).

A desinstitucionalização – que abrangeu diversas formas de personificação – da autoridade somado a uma permissividade social promove o desenvolvimento de limites introjetados baseados nos impulsos agressivos e destrutivos mais inconscientes e irracionais do indivíduo (LASCH, 1983). Erige-se uma ética da preservação e da sobrevivência psíquica, decorrente daquela experiência de vazio e isolamento.

4.2.4 Memória, identidade e identificação

Dada à fluidez das coisas e processos, o sujeito é influenciado a buscar adaptar-se, mesmo que à custa do abandono de raízes históricas que lhe garantem a identidade grupal, de pertença. Numa celebração da novidade, a sociedade consumista – dada a multiplicação das imagens – opera um processo de enfraquecimento da memória coletiva contribuindo para o declínio da continuidade histórica e da repetição ancestral (LIPOVETSKY, 2004; LASCH, 1983). O passado tem seu valor entendido como turismo da memória, proporcionando estímulos permanentes e emoções instantâneas como entretenimento às massas, na celebração da nostalgia (LIPOVETSKY, 2004).

Para Bauman (2005), a atualidade é permeada por uma crise do sentido de identidade em virtude do processo de colapso das instituições que forneciam aos sujeitos formas de ser, apresentadas de forma “naturais” que não era necessário

reflexão ou algum questionamento, haja vista que os sujeitos se sentiam pertencentes ao grupo, instituição ou comunidade fornecedora dos padrões identitários. Como o senso de pertencimento foi pulverizado pelas diversas mídias em constante expansão, os processos identificatórios tornam-se uma necessidade para os sujeitos que buscam em diversos meios, virtuais inclusive, pontos aos quais serem reconhecidos, tendo como meta a pertença.

Como nos diz Zimerman (2004), a mudança acelerada dos valores conhecidos aliada à diversificada forma de violência que rege o modo de viver dos indivíduos, insere-os no mundo da necessidade de adaptação veloz, numa mutação que lhes torna cada vez mais ansiosos, confusos e perdidos no sentimento de identidade, sem sentido no modo como devem viver ou porque vivem.

4.2.5 A sexualidade

As transformações do capitalismo de um sistema familiar paternalista para um sistema burocrático, administrativo e empresarial trouxeram mudanças de comportamento tais como a derrocada do cavalherismo, a liberdade do sexo da função procriativa, a busca do prazer sexual com fim em si mesmo (LASCH, 1983) e a liberdade feminina (FERRY, 2015). A prática sexual é revolucionada, o papel dominante do masculino é colocado em xeque e agora o homem se vê ameaçado pela presença liberada da mulher como parceira sexual acessível: se antes faltava uma resposta sexual prazerosa¹⁹, agora o homem agoniza frente à possibilidade de não satisfazer sua parceira (LASCH, 1983). Corroborando com essa ideia a afirmação de Zimerman (2004) quando diz que o papel da mulher vem sofrendo transformações vertiginosas nos mais diversos contextos. Segundo Lasch (1983), predomina um cinismo nas relações dado a necessidade de se proteger afetivamente das relações, mas mesmo assim a exigência de uma riqueza e intensidade quase religiosa nos relacionamentos.

¹⁹ A repressão social não permitia que as mulheres, principalmente as casadas – pois às solteiras era proibido o sexo –, manifestasse seu prazer. A finalidade do sexo era a procriação. Por isso, os homens buscavam alguma satisfação com as profissionais do sexo – também rejeitadas socialmente.

De acordo com Lasch (1983) e Vargas Llosa (2013), o homem atual busca o prazer como um fim em si mesmo, desligando o sexo até mesmo daqueles rituais convencionais do romance, do enamoramento, imprimindo assim um caráter urgentista e momentâneo, desconectando-o com o futuro. Com isso, cria-se a desesperança em relações permanentes. Segundo Lasch (1983), a promiscuidade surge, nesse contexto, como uma tentativa de separação entre sentimento e sexo, fugindo assim à complexidade emocional, marginalizando a vivência sexual como algo meramente biológico, necessário para a vida saudável. Nessa linha de pensamento, é concordante o pensamento de Lasch (1983) com Ballarà (2016) quando afirma que a complexidade emocional do sexo remonta a lembranças dos vínculos primitivos com os pais. De acordo com Brêtas (2011), a sexualidade é construída a partir das primeiras relações afetivas com os pais e a qualidade dessa relação é a base para o desenvolvimento da resposta erótica na vida adulta bem como da capacidade de construir vínculos amorosos. Para Ballarà (2016), a fusão corporal própria do sexo remete ao medo e ao desejo de mudar o próprio eu, colocando aí uma indistinção nesse limite entre o “eu” e o outro. O ápice dessa indistinção ocorre no orgasmo e depende da qualidade da relação estabelecida: a intimidade garante a intensidade e indistinção fusional. Para sujeitos que visam manter a distância afetiva, o aspecto de fusão indistinta pode ser a chave para a compreensão do medo ao sexo, conforme observa Ferry (2015).

A banalização do sexo e a decadência do erotismo (VARGAS LLOSA, 2013), a sensualização e estetização dos prazeres (LIPOVETSKY, 2004) lançaram a sexualidade humana ao nível biológico destituindo-a de sua complexidade como *locus* de expressão da subjetividade: pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos (BRETAS, 2011). Para Vargas Llosa (2013), essa animalização da sexualidade é contrária ao prazer e torna homens e mulheres passivos frente ao instinto do organismo, sem emoção e sensibilidade: o erotismo se constitui uma alternativa para restituir o caráter civilizatório²⁰, humano do sexo. Em suas palavras:

²⁰“Para saber até que ponto é primitiva uma comunidade ou quanto ela avançou em seu processo civilizador nada é tão útil como perscrutar seus segredos de alcova e verificar como seus membros fazem amor.” (VARGAS LLOSA, 2013, p. 98)

O erotismo existe como contrapartida ou como desacato à norma, é uma atitude de desafio aos costumes estabelecidos e, por isso, implica segredo e clandestinidade. Trazido a público, vulgarizado, degrada-se e eclipa-se, não realiza a desanimalização e a humanização espiritual e artística da atividade sexual que outrora possibilitou. (VARGAS LLOSA, 2013, p. 47)

Como então viver a sexualidade de forma integrativa numa cultura narcisista que objetifica as pessoas, torna fluidas as relações e se contrapõe aos vínculos de alteridade? Como encontrar o outro nas relações sexuais se transformamos nossas relações em espelhos para nós mesmos? Transferir os papéis sexuais divulgados em filmes, imagens e músicas para as individualidades parece ser o método de angustiar também a sexualidade, imprimindo-lhe um caráter normativo oriundo dos novos padrões estéticos comercializados.

4.2.6 Envelhecimento

Desprovido de tempo suficiente, obrigado ao prazer de ser feliz, sem conexão com suas raízes históricas, fragmentado em suas experiências constitutivas, o sujeito se ocupa do hoje cultivando um horror à morte e ao envelhecimento, transfigurando o próprio corpo como *locus* da eterna juventude e possibilidade plena de realização de si (BAUDRILLARD, 2014). O corpo é redescoberto e passa a ser tratado como um necessário investimento para que produza: são inúmeros estímulos para que seja expressão de força, saúde, potencializado como instrumento de beleza, transformado ao mesmo tempo em uma plataforma de obtenção de prazer. Por isso, ele é tão celebrado, como objeto de consumo, na publicidade, na moda e na cultura das massas. É um “culto higiênico, dietético e terapêutico com que se rodeia, a obsessão pela juventude, elegância, virilidade/feminilidade, cuidados, regimes, práticas sacrificiais que com ele se conectam” (BAUDRILLARD, 2014, p.168), transformando o corpo num objeto de salvação.

De acordo com Lasch (1983), esse desejo de longevidade surge decorrente dessas mudanças sociais contemporâneas e não como resultado de avanços das ciências. É um culto à juventude, manifestada numa corporeidade confeccionável, como reflexo da cultura narcisista reinante. No fundo, é a manifestação corpórea da grandiosidade do eu. Para Lipovetsky (2004), esse caráter de rejuvenescimento se

estende às emoções, manifestando um sujeito desinstitucionalizado, consumista, volátil.

Como acertadamente explica Lasch:

Este terror irracional da velhice e da morte está intimamente associado à emergência da personalidade narcisista como o tipo dominante de estrutura da personalidade na sociedade contemporânea. Por ter o narcisista tão poucos recursos interiores, ele olha para os outros para validar seu senso do eu. Precisa ser admirado por sua beleza, encanto, celebridade ou poder - atributos que geralmente declinam com o tempo. Incapaz de alcançar sublimações satisfatórias nas formas de amor e de trabalho, ele percebe que terá pouco para sustentá-lo, quando a juventude passar. Ele não encontra interesse no futuro e nada faz para prover para si os consolos tradicionais da velhice, dos quais o mais importante é a crença de que as gerações futuras, em certo aspecto, levarão adiante o trabalho de sua vida. O amor e o trabalho unem-se em uma preocupação pela posteridade, e especificamente numa tentativa de equipar a geração mais jovem para levar adiante as tarefas dos mais velhos. O pensamento de que vivemos vicariamente em nossos filhos (mais ostensivamente, em futuras gerações) reconcilia-nos com nossa própria substituição - o sofrimento central da velhice, ainda mais angustiante do que a fragilidade e a solidão. Quando o elo "geracional" começa a desgastar-se, tais consolos não se mantêm mais. (LASCH, 1983, p.254)

O envelhecimento e a certeza da morte dão origem, então, as mais diversas tentativas de abolir a velhice e prolongar a vida, física e psíquica, mantendo-se dentro de uma ética da sobrevivência e não da experiência de alteridade.

4.3 CAPÍTULO 3 - O PAPEL DAS CIÊNCIAS DO PSIQUISMO

A necessidade de uma plasticidade frente às mudanças ocorridas submerge o sujeito num ambiente de insegurança e ansiedade, padronizado pelos modelos veiculados em massa, cultivando um sentimento de perda da inocência e da espontaneidade, incapacitado de medir os efeitos de seus sentimentos sobre os outros (LASCH, 1983). Para não cair em um aprisionamento causado pelo medo (FERRY, 2015), o sujeito, ao mesmo tempo eufórico e vulnerável, busca os parâmetros em novas modalidades: culto à saúde, medicalização da existência (LIPOVETSKY, 2004), projetando a vida com uma meta alcançável entre o hoje o amanhã.

Insônia, ansiedade, depressão, transtornos alimentares, transtorno de déficit de atenção, esvaziamento interior, incapacidade de pensar de maneira não instrumental (a teia dos interesses particulares elimina a liberdade de pensar de modo mais livre, constrange o pensamento) formam a sintomatologia daqueles que vivem o mundo do jogo, no qual, segundo Bauman, apostar é a regra, suplantando a “antiga” busca de certeza. (SAROLDI, 2012)

Zimerman (2004) afirma que aumentam os casos de pacientes na clínica apresentando organizações cujos falsos *selves* são uma resposta para a necessidade de reconhecimento e aprovação do e pelo outro. Em casos extremos, quando esse mecanismo não se valida, estados depressivos se tornam comuns. Com isso, a maior queixa pode ser retratada como um sentimento confusional de identidade, que ele chama de clínica do vazio. Constata-se uma angústia existencial, um desprovimento de sentido que valide a existência do sujeito. Sujeitos da carência graças ao desenvolvimento emocional primitivo precário, portando vazios no ego à espera de preenchimentos: como realizar esse trabalho terapêutico? O autor aponta outros quadros como indivíduos estressados, alto grau de angústia, doença do pânico, transtornos narcisistas, patologias regressivas (psicoses, *borderline*, perverso, somatizadores, transtornos alimentares), drogadições.

Também é comum que esse paciente, no fundo, sempre muito carente, possa expressar essa angústia de desamparo e de aniquilamento através de somatizações e de erigir uma autarquia narcisista, assim desenvolvendo distintas formas de transtornos do narcisismo, de sorte a fugir 'dos' outros, congelando os afetos, ou exercendo um controle tirânico sobre si e sobre os demais, hipertrofiando onipotência, onisciência, prepotência, arrogância e fuga das verdades que toquem nas cicatrizes malcuradas das feridas que estão no lugar dos primitivos vazios de mãe. (ZIMERMAN, 2004, p. 291)

Outro aspecto apresentado por Zimerman (2004) é a tentativa de evitar sofrimentos: decepções, desilusões, culpas e depressão, usando como recurso uma tríade maníaca sobre tudo com o qual o sujeito se relaciona: controle, triunfo e desprezo. De certa forma, a vida de celebridade parece promover tal tríade de modo inigualável, o que tem gerado fascínio nos seguidores, que buscam tais comportamentos como uma defesa para suas dificuldades de relacionamento com os outros e com a realidade. Nos casos em que as defesas psíquicas falham, o paciente pode apresentar um estado de desistência da vida, incluindo a possibilidade de suicídio. O psicólogo deve ficar atento para a contratransferência que pode ocorrer: "esse paciente não tem jeito". A terapêutica se dará por atos interpretativos que ajudem o paciente a acordar para a vida.

Acerca do crescimento das drogradições, podemos dizer que, como não consegue viver o fascínio de uma inserção social espetacular, o sujeito busca no consumo de drogas "desesperadamente ter acesso à majestade da cultura do espetáculo e ao mundo da *performance*. É necessário glorificar o eu, mesmo que por meios bioquímicos e psicofarmacológicos, isto é, pelos artefatos tecnológicos." (BIRMAN, 2014a, p. 182) Na perspectiva de Vargas Llosa (2013), o consumo das drogas é sinônimo de uma cultura "que impele homens e mulheres a buscar prazeres fáceis e rápidos que os imunizem contra a preocupação e a responsabilidade, em lugar do encontro consigo mesmo através da reflexão e da introspecção" (2013, p. 36), se eximindo assim daquele exercício pessoal de reflexão e comprometimento diante da vida.

Lipovetsky (2004) destaca alguns comportamentos contemporâneos, tais como bulimia, anorexia, obesidade, compulsões. Para o autor, a nova relação com o tempo forma sujeitos cambiantes, desestabilizados, cuja consequência é uma fragilização das personalidades, que permitiu o crescente número de patologias desenvolvidas atualmente: depressões, ansiedades, distúrbios compulsivos, tentativas de suicídio e os sentimentos de insuficiência e autodepreciação.

A fragilidade da constituição psíquica nesse cenário toma forma através da intensificação da cultura de massa, onde a imagem tem predomínio sobre a letra, ou seja, a imagem amplificando uma mensagem única a todos. Vargas Llosa (2013) chama isso de cultura-mundo que mais tem imbecilizado o sujeito, “privando-o de lucidez e livre-arbítrio, fazendo-o reagir à ‘cultura’ dominante de maneira condicionada e gregária” (2013, p. 25) do que o promovendo como tal. Estamos vivendo uma época *light*, onde as literaturas, as experiências e a fala tem sido leve, agradável a todos os públicos. Os valores mudaram, na verdade, “o único valor existente é agora o fixado pelo mercado” (VARGAS LLOSA, 2013, p. 27). Segundo o autor, o valor máximo é o entretenimento e a fuga constante do tédio. Em uma linguagem psicanalítica podemos falar em uma predominância do princípio do prazer, do gozo constante. Contribui para isso, o excesso de imagens, que possibilita uma desinformação ou falta de memória. Uma consequência dessa cultura é a “impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma [...] o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto” (BIRMAN, 2014a). O outro é visto como incremento da autoimagem, sendo descartado conforme a necessidade do momento na encenação do espetáculo social. Eis o narcisismo que constitui os sujeitos na contemporaneidade.

Compreendendo que os sujeitos refletem a cultura do narcisismo (LASCH, 1983), do espetáculo (DEBORD, 1997) e do consumo (BAUDRILLARD, 2014), cujos valores são a liberdade individual em detrimento dos valores de grupo (GUIMARÃES, AMARAL, 2009), o hiperindividualismo, a velocidade (LIPOVETSKY, 2004), a imagem em detrimento da palavra, a dificuldade de simbolização (ZIMERMAN, 2004): como pensar numa atuação profissional ética dentro do panorama espetacular e consumista? De que forma podemos agir clínica ou socialmente a fim de possibilitar uma maior conscientização do homem como sujeito de sua história, com seus dramas, traumas e incertezas? Concordamos com Birman (2014a) quando diz:

Com efeito, a experiência psicanalítica se contrapõe, em todos os seus detalhes, aos valores que orientam a cultura do narcisismo e do espetáculo, na medida em que a emergência dos universos do inconsciente e da fragmentação pulsional pressupõe a ruptura do sujeito com o eixo narcísico do eu. Conduzir o sujeito ao encontro incerto e imponderável de seu desejo faz com que ele, necessariamente, siga as trilhas opostas ao projeto mundano de espetáculo e da *performance*... Para que a psicanálise funcione, pois, é preciso romper com as amarras narcísicas do indivíduo, em que o gozo e a predação do outro são soberanas, para conduzir o sujeito ao encontro do insondável de seu desejo. (BIRMAN, 2014a, p. 183)

A clínica contemporânea se dará, sobretudo, pela valorização do vínculo (ZIMERMAN, 2004; MELSOHN, 2016). Contrariando a atitude de espectador que analisa as melhores possibilidades enquanto se lhe é apresentado alguma narrativa enigmática (LIPOVETSKY, 2004), o psicólogo precisa estabelecer uma atuação de natureza vincular, e não de um especialista observador tecnicamente indiferente, combatendo assim uma automatização robótica que invade os trabalhos terapêuticos (MELSOHN, 2016).

Desse modo, a ênfase da análise incide no *vínculo analítico* que unifica as pessoas do paciente e do analista, de sorte que embora mantenha-se uma necessária assimetria entre os papéis, lugares, posições e funções que cada um deles desempenhar, há uma maior simetria quanto à condição de seres humanos, portanto sujeitos às mesmas angústias e dúvidas existenciais. (ZIMERMAN, 2004, p. 23)

O aprendizado das ciências psicológicas para a atualidade exige a abertura para o diálogo com as diversas disciplinas que influenciam o comportamento humano implicando na formação de um estilo pessoal amplo e complexo (ZIMERMAN, 2004) tanto quanto queria Freud (1919/2010) ao ensinar sobre a necessidade do conhecimento das diversas ciências humanas para o exercício apropriado da psicanálise. O manejo clínico se transforma na atualidade numa contravenção contra a tendência de mercado instituída pela farmacologia reinante. Compreender a necessidade de terapias medicamentosas é sinônimo de diálogo sobre as várias facetas que compõem o sujeito, mas submeter-se ao *self-service* da automedicação e autodiagnóstico é trair a finalidade da psicologia. Para Roudinesco (2009), a psicanálise não tem como função o consolo ou o conforto provocado pelos psicofármacos, mas é fundamento da sua ética possibilitar ao sujeito o enfrentamento consigo mesmo e com seu destino pulsional, com sua liberdade. Para aqueles pacientes que buscam respostas rápidas (ZIMERMAN, 2004) sustentar um processo terapêutico nessas condições parece ser impossível e desnecessário, se o mercado oferece promessas de cura mais fáceis, por vezes indolores psiquicamente.

O manejo clínico será pela linguagem, na qual o sujeito poderá expressar sua angústia, seu desejo (FREUD, 1893/1996). Contudo, há de ser uma linguagem que possibilita um acolhimento (MELSOHN, 2016), garantindo uma presença psíquica mesmo quando não há presença física, semelhante ao processo que Dolto (2008) indicava aos pais realizar para prover o sentimento de segurança tão necessária para

a constituição do psiquismo infantil. É no *setting* que o sujeito poderá entrar em contato com o outro (mãe, pai, irmãos, amigos etc.) na pessoa do analista e elaborar os vínculos que tem mantido a fim de construir um sentido para sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das ideias apresentadas, podemos perceber como a constituição dos indivíduos tem sua base imbricada no modelo social vigente, que remodela os signos, valores, padrões, ritos, mitos e demais elementos da cultura envolvidos na formação do psiquismo humano. Em uma análise, podemos dizer que somos produto desse meio social. Um produto interativo, tecnológico, customizado, altamente estimulado ao desenvolvimento técnico, individualizado, segregado dentro de uma massa em movimento. O espetáculo de um narcisismo que consome para ser belo, mas que sofre com o tédio da relação autocentrada, com o excesso de recortes fragmentados de si, com a novidade sempre ultrapassada pela velocidade de nossa frágil comunicação.

As características da cultura narcisista, espetacular e consumista têm delimitado nossas ações como sujeitos colocando-nos de frente com a superficialidade de nossas relações ou mesmo de nossas escolhas. Somos consumidores finais de um produto que tem como finalidade produzir sujeitos alienados, alheios a si mesmo, ao seu desejo. Quase um paradoxo, mas perfeitamente compreensível quando analisado dentro das relações de poder, cultura e modelos econômicos. Apegados aos produtos que podemos adquirir, cuja pretensão publicitária é nos fazer e nos dizer quem somos, vivemos o espetáculo de uma vida encenada, quase sempre de forma violenta pelo modo como somos ditados a viver. Evitamos o contato com o outro em sua radicalidade constituinte para fazer dele um objeto de usufruto a fim de alcançar algum prazer.

A formação profissional precisa atentar-se para as realidades em mutação, a fim de compreender os elementos presentes na constituição dos sujeitos viabilizando uma intervenção vincular e não meramente técnica, regida pelos manuais. Para isso, uma formação continuada deverá ser crítica, reflexiva, a fim de não se propor a dar respostas prontas, mas problematizar as situações de forma criativa e interdisciplinar. A prática clínica não deve focar apenas na etiologia das patologias, mas também no aspecto dinâmico a fim de verificar como o sujeito, através de seus mecanismos, atua de acordo com as expectativas postas pela própria cultura. A fluidez e a plasticidade exigidas do sujeito, a partir do desejo incessante de se reinventar e se reciclar em

meio aos produtos, padrões e modelos aos quais ele é colocado por essa cultura, produzem angústias típicas das patologias demonstradas, haja vista que pode ser o modo como o sujeito corresponde à demanda própria dessa cultura. E os profissionais de psicologia precisam considerar tais aspectos em sua prática para não se deter somente em aspectos etiológicos e nosológicos das patologias bem como às técnicas específicas, prescindindo da interação do sujeito com a sociedade e sua cultura.

Outro importante aspecto a ser considerado pelo psicólogo é que ele mesmo é um sujeito constituído nessa cultura, participa e interage dentro e a partir desses valores sociais compartilhados. Qual a percepção de si que o psicólogo tem? É possível perceber o quanto sua constituição influencia no processo terapêutico? Quais elementos presentes na contratransferência com o paciente? Ou será o psicólogo um sujeito preocupado em corresponder às demandas de mercado, altamente qualificado tecnicamente, mas desviando do contato vincular necessário? Pensando na cultura do espetáculo, uma pergunta necessária se faz aqui: qual imagem o psicólogo transmite de si a fim de mediar suas relações? Nesse ponto, a psicanálise tem como base formativa de seus analistas a exigência de três práticas: análise pessoal, teoria e supervisão. A análise possibilita o sujeito-analista reconhecer dentro desses processos sociabilizantes e suas consequências relacionais, sejam elas sociais, clínicas e pessoais, elaborando suas angústias e seu desejo. A teoria lhe dará suporte para interação crítica da realidade compartilhada com a subjetividade tanto sua quanto do paciente na clínica. A supervisão permitirá ao sujeito-analista criar as habilidades necessárias para atuar junto ao sujeito-paciente fornecendo-lhe condições para o manejo de seu desejo e angústias.

Em virtude de o trabalho ser amplo com temática vasta, recomendamos maiores estudos e pesquisas teórico-práticas para aprimorar a atuação do profissional de psicologia em suas atividades dentro dessa cultura vigente, considerando os aspectos da contratransferência, das influências sociais sobre a formação dos psicólogos, dos tipos de relações estabelecidas e da forma como os profissionais de psicologia manejam seu desejo e angústia a partir do modo como foram constituídos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.

BALLARÀ, Francesco Castellet. Fantasia e pornografia: transformações do desejo em tempos atuais. In: **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v. 50, n.2, p.139-153. 2016.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: 2005. e-reader.

BIRMAN, Joel. **O mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as nova formas de subjetivação. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 37-42, 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 setembro 2016.

BOSCO, Francisco. Violência e sociedade do espetáculo. In: NOVAES, Adauto. **Mutações**: fontes passionais da violência. São Paulo: Edições Sec, 2015.

BRÊTAS, José Roberto da Silva. Principais Conceitos. In: BRÊTAS, José Roberto da Silva. **Sexualidades**. São Paulo: All Print Editora, 2011.

BURD, Miriam. **Novas configurações familiares**: desafios e soluções para a Terapia Familiar com Pacientes Crônicos. São Paulo: Wak, 2016.

CONVENÇÃO Americana dos Direitos Humanos de 1969. Disponível em: <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/sanjose.htm>>. Acesso em 04 outubro 2016.

CONVENÇÃO sobre os Direitos da Criança. Disponível <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D99710.htm> Acesso em 04 outubro 2016.

COSTA, Gley P. A festa da marcação do gado. In: COSTA, Gley P. et al. **A clínica psicanalítica das psicopatologias contemporâneas**. 2. ed. ampl. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 289-298.

COSTA, Gley P. NEVES, Nilda E. KOPITCKE, Cynara Cezar. Carne da Minha carne. In: COSTA, Gley P. et al. **A clínica psicanalítica das psicopatologias contemporâneas**. 2. ed. ampl. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 333-353.

DANTAS, José Guibson. O comportamento dos telespectadores diante da programação televisiva neopentecostal. In: **Protestantismo em Revista**. v.16, maio-ago. 2008. p.7-24. Disponível em <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewArticle/2049>> Acesso em 26 novembro 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. Disponível em <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html> Acesso em 04 outubro 2016.

DOLTO, Françoise. **As etapas decisivas da infância**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Quando os filhos precisam do pais**. São Paulo: WMF Martins Fontes: 2008.

FALCETO, Olga Garcia. WALDEMAR, José Ovídio Copstein. Família com bebês. In: OSORIO, Luiz Carlos. VALLE, Maria Elizabeth Pascual do. **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Disponível em <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536318271/>> Acesso em 15 ago 2016.

FERRY, Luc. **A inovação destruidora**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. e-reader.

FREUD, Sigmund. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? [1919] In: **História de uma neurose infantil**: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Estudos sobre a Histeria [1893]. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standart* brasileira. v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standart* brasileira. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. O Ego e o Id [1923]. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standart* brasileira. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917**: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

GONÇALVES, Alonso L. Uma espiritualidade sem igreja: a emancipação institucional e o surgimento de novas experiências religiosas. In: **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo. V.32, p.122-135. set-dez 2013. Disponível em <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewArticle/1088>> Acesso em 26 novembro 2016.

GUIMARÃES, Nina Vasconcelos de Oliveira. AMARAL, Alexandre Coimbra. Famílias com filhos de casamentos anteriores. In: OSORIO, Luiz Carlos. VALLE, Maria Elizabeth Pascual do. **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Disponível em <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536318271/>> Acesso em 15 agosto 2016.

HAJE, Lara. Câmara aprova Estatuto da Família formada a partir da união de homem e mulher. **Câmara Notícias**. Brasília, 08 de outubro de 2015. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/497879-CAMARA-APROVA-ESTATUTO-DA-FAMILIA-FORMADA-A-PARTIR-DA-UNIAO-DE-HOMEM-E-MULHER.html>> Acesso em 12 outubro 2016.

IMANISHI, Helena Amstalden. A metáfora na teoria lacanianiana: o estádio do espelho. **Boletim de Psicologia**. São Paulo, v. 58, n. 129, p. 133-145, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 outubro 2016.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência clínica. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LEVY, Laurice. As questões éticas em terapia familiar. In: OSORIO, Luiz Carlos. VALLE, Maria Elizabeth Pascual do. **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Disponível em <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536318271/>> Acesso em 15 agosto 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MARIA, Ruben Ferreira. **Evangelização ou mercantilização da fé**: cotejamento entre sagrado, fé, ética e igreja na modernidade a partir dos estudos sobre a evangelização através do uso da mídia. São Leopoldo: EST/PPG, 2012. Disponível em <http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=411> Acesso em 26 novembro 2016.

McLUHAN, Eric. **The Sensus Communis, Synesthesia and the soul**: an odyssey. Toronto: BPS Books, 2015. e-reader.

MELSOHN, Isaias Hessel. O homem, a psicanálise e o novo século. In. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 231-236. 2016.

NEVES, Anamaria Silva; GOMES, Layla Raquel Silva; VIDAL, Lorena Candelori. Violência e família: possibilidades vinculativas e formas de subjetivação. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 33-45, jun. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso 29 novembro 2015.

OLIVEIRA, Francisco de. Revoluções, mutações... In: NOVAES, Adauto. **Mutações**: ensaios sobre as novas configurações do mundo. Agir: São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Naiara Hakime Dutra. **Recomeçar**: família, filhos e desafios. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PATERNIDADE socioafetiva não exime de responsabilidade o pai biológico, decide STF, **Notícias STF**, Brasília, 21 de setembro de 2016. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=325781>> Acesso em 12 outubro 2016.

PATIAS, Jaime Carlos. O espetáculo no telejornal sensacionalista. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto. CASTRO, Valdir José. **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

POSTMAN, Neil. **Technopoly**: The Surrender of Culture to Technology. New York: Vintage Books, 1992. e-reader.

PROJETO de Estatuto das Famílias é apresentado no Senado. IBDFAM. Belo Horizonte, 13 de novembro de 2013. Disponível em <<http://www.ibdfam.org.br/noticias/5182/Projeto+de+Estatuto+das+Fam%C3%ADlias+%C3%A9+apresentado+no+Senado>> Acesso em 12 outubro 2016.

REALE, Miguel. **Paradigmas da Cultura Contemporânea**, 2ª edição. São Paulo: Saraiva, 2005. Disponível em <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502153035/> . Acesso 30 de agosto 2016.

SAISI, Kátia. Estética e política, mais um espetáculo de consumo na sociedade midiática. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto. CASTRO, Valdir José. **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

SAROLDI, Nina. **O mal-estar na civilização**: as obrigações do desejo na era da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. e-reader.

VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

WALSH, Froma. **Processos normativos da família**: diversidade e complexidade. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. Disponível em <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582713105/>> Acesso 07 setembro 2016.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. reimpressão 2010. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Manual de Técnica Psicanalítica**: uma re-visão. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.

ANEXOS



Romilto de Lourenzi Lopes

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/3054614210437604>

Última atualização do currículo em 07/11/2016

Resumo informado pelo autor

Graduando do Curso de Psicologia da FAEMA - Faculdade de Educação e Meio Ambiente.
(Texto informado pelo autor)

Dados pessoais

Nome	Romilto de Lourenzi Lopes
Filiação	Jorge Gomes Lopes e Dilma de Lorenzi Lopes
Nascimento	16/04/1984 - Brasil
Carteira de Identidade	000888051 SSP - RO - 29/07/2003
CPF	787.214.402-63
Endereço residencial	Rua Mato Grosso, 4114 Setor 05 - Ariquemes 78870612, RO - Brasil Telefone: 69 35367509 Celular 69 99141140
Endereço eletrônico	E-mail para contato : romilto@gmail.com E-mail alternativo romiltolopes@hotmail.com

Formação acadêmica/titulação

- 2012** Graduação em Psicologia.
Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Ariquemes, Brasil
- 2000 - 2001** Ensino Médio (2o grau) .
Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste - RO, EAF/COL, Brasil, Ano de obtenção: 2001

Atuação profissional

1. Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Vínculo institucional

2015 - 2015

Áreas de atuação

1. Tratamento e Prevenção Psicológica

Idiomas

Português Compreende Bem , Fala Bem , Escreve Bem , Lê Bem

Produção

Produção técnica

Demais produções técnicas

1. Oratz, Francieli; Boas, Nilza Vilas; Cabral, Tailor; Lampert, Nara Alice Rodrigues; Stangue, Rosimeri Krumenaur ; Torres, Denise; Kern, Cristina Adriana ; **DE LOURENZI, R. L.**
Revista sobre Psicanálise e Psicologia Viva Freud, 2014. (Outro, Editoração)

Produção artística/cultural

Artes Cênicas

1. PERUCIO, G.; RAMBO, C. P.; **DE LOURENZI, R. L.**
Evento: **A acolhida da sexualidade**, 2015. Local Evento: Centro Cultural Municipal. Cidade do evento: Ariquemes-RO. País: Brasil. Instituição promotora: Faculdade de Educação e Meio Ambiente. Duração: 45. Tipo de evento: Festival.

Atividade dos autores: Ator. Data da estreia: 22/09/2016. Local da estreia: Centro Cultural Municipal.

Artes Visuais

1. **DE LOURENZI, R. L.**
Evento: **Inconsciente expreso**, 2015. Cidade do evento: Ariquemes-RO. País: Brasil. Instituição promotora: Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA. Tipo de evento: Exposição Coletiva.

Atividade dos autores: Outra.

Página gerada pelo sistema Currículo Lattes em 27/11/2016 às 13:15:25.

Resultado da análise

Arquivo: TCC constituição subjetiva.docx

Estatísticas

Expressões suspeitas na Internet: 4,4%

Percentual de expressões localizadas na internet

Suspeitas validadas: 0%

Confirmada existência dos trechos nos endereços encontrados

Sucesso da análise: 100%

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Endereços mais relevantes encontrados:

Endereço (URL)	Ocorrências	Semelhança
http://www.ebah.com.br/content/ABAAAUVuUAG/gilles-lipovetsky-os-tempos-hipermodernos	18	10,73 %
http://www.academia.edu/8710127/A_Civilização_do_Espetáculo-_Mario_Vargas_Llosa	18	0,02 %
http://www.ccuec.unicamp.br/revista/infotec/artigos/mariaeugenia.html	14	10,68 %
https://pt.scribd.com/doc/17062062/Os-Tempos-Hipermodernos-Gilles-Lipovetsky	13	3,96 %
http://www.ebah.com.br/content/ABAAAUVuUAG/gilles-lipovetsky-os-tempos-hipermodernos?part=2	13	8,54 %
http://www.goodreads.com/book/show/13604912-la-civilizaci-n-del-espect-culo	12	4,93 %

Texto analisado:

INTRODUÇÃO

A globalização e o avanço tecnológico têm proporcionado significativas mudanças nas relações humanas. Percebe-se uma diminuição das fronteiras que nos separam, criando uma sensação de aldeia global, uma comunidade única, compartilhando informações cotidianamente e em tempo real. Tal possibilidade tem sido cada vez mais ampliada pelas tecnologias da comunicação que crescem vertiginosamente. Dentro dessa perspectiva, atua o modelo econômico hegemonicamente difundido promovendo uma cultura de consumo que tem modelado as formas de estar e ser na contemporaneidade: o capitalismo. Longe de tratar de empenhar aqui uma batalha ideológica de melhores modelos econômicos, iremos abordar a constituição psíquica dentro dessa cultura instalada – e em constante mutação – e suas principais formas de adoecimento.

As transformações ocorrem de forma acelerada e profunda nas diversas áreas: social, econômica, cultural, ética, espiritual, psicológica, científica (ZIMERMAN, 2004a). Compreender que as mudanças são algo próprio da condição da humanidade é importante para compreender como o indivíduo está inserido nesse processo mutacional e as adaptações às quais ele se submete.

É essencial compreendermos que tais mudanças só foram possíveis a partir do processo de industrialização que desencadeou todo o processo de globalização e avanço tecnológico. Contudo, essa revolução industrial se adaptou aos tempos e modelo econômico, passando a ditar as regras de consumo. Para isso, instalou-se o discurso das diversas necessidades humanas a serem satisfeitas. E para cada necessidade, um produto, é claro, é oferecido.

De acordo com Baudrillard (2003), “todo o discurso sobre as necessidades assenta numa antropologia ingênua: a da propensão natural para a felicidade” (2013, p. 49). Segundo o autor, tal felicidade é referência da sociedade do consumo, caracterizada como uma forma de salvação individual. Tal ideia é corroborada por Neves, Gomes e Vidal. (2014) quando afirmam que o homem atual está exposto “ao absurdo de sua constituição. Em sua busca incessante pela felicidade, o homem vê-se impossibilitado de ter assegurada a satisfação plena de todos seus desejos” (2014,

p. 34). Entre os muitos motivos para não conseguir realizar seus desejos estão as necessidades de se adaptar de alguma forma às exigências sociais. Para atingir esse objetivo, o sujeito se submete ao poder de alguma categoria para ser reconhecido, como por exemplo, submeter-se aos desígnios e determinações de um grupo religioso para validar seu sentimento de pertença, e por conseguinte sua identidade nele e com ele.

Outra característica levantada da atual sociedade é o narcisismo como fundante e mantenedor das relações